O QUE DIZEM OS INDICADORES ANTECEDENTES DA SILCON ?

Boletim trimestral 96

Dezembro de 2019

"Grandes esperanças hoje ? Muitas desilusões amanhã !"

Ditado grego

Medidas corretas - mas incompletas. Resultado : recuperação lenta[1]

Os meses de outubro e novembro foram pródigos em notícias no campo político, econômico e internacional. Sem dúvida, as mais excitantes vieram da soltura do ex-presidente - que continua condenado e é questão de tempo para que novas acusações apareçam. Há muita discussão sobre os efeitos da soltura no ambiente e nagenda econômica, mas com ou sem Lula, a política econômica e a agenda liberal, apesar da letargia, não sofrem mudanças de rumo.

Pelo menos, em resposta as reformas (incompletas e ainda no campo das promessas), a economia mostra sinais mais visíveis de reativação da atividade e do mercado de trabalho. Neste pacote de resultados estão as contas públicas caminhando para o alinhamento, a melhoria da gestão da máquina e das empresas públicas, um programa de privatização em andamento, a baixa inflação, o *spread* de risco em queda, as condições de crédito para consumo e investimento mais favorecidas, e as contas externas ainda tranquilas. A pauta de maior liberdade econômica, da reforma do Estado, da reforma tributária, das concessões em infraestrutura e do alívio fiscal aos estados avançam no

[1] Análise e indicadores antecedentes baseados em informações públicas disponíveis até 3 de dezembro de 2019.

Congresso, o que vai permitir resultados melhores nos próximos anos, se os interesses mesquinhos ficarem de lado. Sem dúvida, muitos percalços poderiam ter sido evitados com falas mais comedidas do Executivo, melhor comportamento dos seus familiares, e – principalmente – maior empenho e apoio do Congresso.

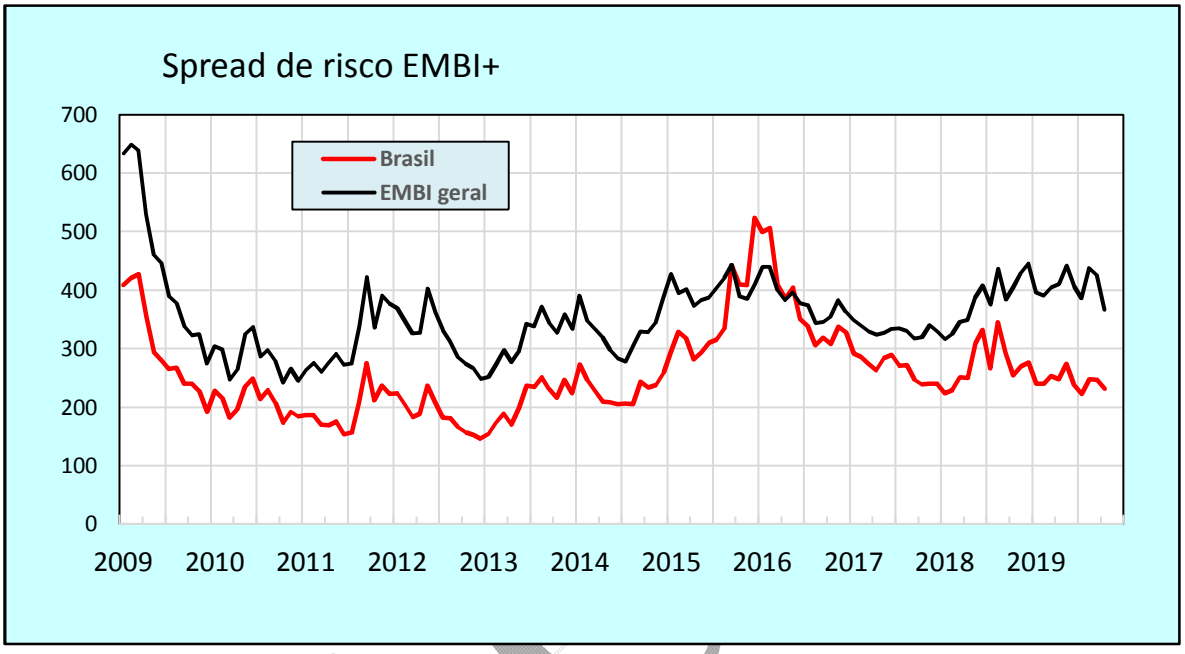
Com mais atenção às lições, às causas dos tropeços com o Congresso e com a ajuda de bons eventos internacionais, a reeleição em 2022 pode ser garantida, até mesmo por ausência de candidaturas alternativas, lembrando que Lula é inelegível, e os partidos de esquerda estão confusos e não oferecem propostas estratégicas criveis que interessem os eleitores.

A percepção internacional em relação ao Brasil está melhorando, apesar dos arranhões pouco relevantes para as maiores economias e investidores, causados pelas notícias dos incêndios na Amazônia, pelas denúncias do acobertamento do caso Marielle, e pelas atrapalhadas nos alinhamentos com Trump. O *spread* de risco e os juros em CDS convergem para os níveis da época em que o Brasil detinha o grau de investimento, perdido em fevereiro de 2016 com os desatinos da gestão Dilma. E a taxa básica de juros segue a rota de queda, que viabiliza uns 4,25 % em 2020, e sem dúvida favorece as contas públicas e o ânimo de investir em atividades com mais risco. Salvo choques de oferta – fora do radar – a inflação se mantem controlada, até mesmo devido ao excesso de capacidade ociosa.

O ambiente internacional é marcado pela desaceleração econômica e pelo aumento da incerteza. A novela do Brexit, o *affair* comercial EUA-China, e, no caso do Brasil, a confusa situação dos países vizinhos e o Chile, terão efeitos pontuais na economia brasileira, mas os vetores domésticos favoráveis podem amortecer os danos. Por outro lado, os acordos comerciais e de investimentos com a China abrem oportunidades generosas para o Brasil, desde que o governo insista na agenda das reformas, sem retrocessos e desvios com pendengas menores. O governo encaminhou ao Congresso três PECs para

SILCON

consolidar o esforço fiscal, centradas na implantação de gatilhos automáticos de cortes nas despesas em caso de descumprimento dos limites fiscais, a desindexação dos orçamentos e a destinação de recursos públicos não utilizados para abatimento da dívida. Se aprovadas sem maior desfiguração, estas propostas serão pilares importantes para a consolidação fiscal e a reforma do Estado.



Para a Consensus Forecasts/Londres, a desaceleração econômica é generalizada nos países mais ricos. A América do Norte sai da taxa média de 2,8 % em 2018 para 2,2 % em 2019 e 1,8 % em 2020. Na Europa Ocidental, a expansão fica em 1,1 %, e na Ásia/Pacífico, pouco mais de 4 %. A América Latina segue o ritmo e espera taxas também menores de crescimento em 2019, com leve melhoria em 2020. No geral, os países da região mostram crescimento positivo, exceto Venezuela e a Argentina. Os dois países enfrentam sérios problemas políticos e inflação elevada, que destoa das demais economias da região. De interesse e preocupações para o Brasil, a Argentina ingressa lamentavelmente numa fase de crises, com o retorno do populismo, que não favorece os ajustes fiscais e a racionalidade da política econômica. A Venezuela prossegue no caos, com queda no PIB real de 28 % em 2019 e

outros 9 % em 2020. A inflação projetada para 2019 é de 130 mil por cento, uma grande queda em comparação com os 947 mil observados em 2018 !

Ambiente internacional, países selecionados.

	Prod. Interno Bruto, %			Inflação, IPC, %		
	2018	2019[a]	2020[a]	2018	2019[a]	2020[a]
América Latina, total:	1,2	0,5	1,5	7.397	1.021	195
Exclusive Venezuela	1,4	0,7	1,6	9,5	9,9	8,2
Exclusive Venezuela e Argentina	2,0	1,2	2,0	3,6	3,2	3,4
Argentina	-2,5	-2,7	-1,4	47,6	54,4	40,2
Chile	4,0	2,5	3,0	2,6	2,6	2,8
Colômbia	2,6	3,2	3,2	3,2	3,7	3,4
México	2,0	0,4	1,3	4,8	3,1	3,5
Paraguai	4,0	1,1	3,4	3,2	3,0	3,0
Peru	4,0	2,5	3,3	2,2	2,0	2,2
Uruguai	1,6	0,5	1,3	8,0	7,8	6,9
Venezuela	-19,6	-27,5	-9,3	947 mil	130 mil	24 mil
América do Norte:	2,8	2,2	1,8	2,4	1,8	2,1
Estados Unidos	2,9	2,3	1,8	2,4	1,8	2,1
Canadá	1,9	1,5	1,.6	2,3	2,0	1,9
Europa Ocidental	1,8	1,1	1,1	1,8	1,4	1,4
Zona do Euro	1,9	1,1	0,9	1,8	1,2	1,2
Alemanha	1,5	0,5	0,8	1,8	1,4	1,5
Reino Unido	1,4	1,2	1,0	2,4	1,9	2,1
França	1,7	1,3	1,2	1,9	1,2	1,3
Itália	0,8	0,1	0,4	1,2	0,7	1,0
Holanda	2,6	1,6	1,4	1,7	2,6	1,6
Espanha	2,4	2,1	1,7	1,7	0,8	1,1
Portugal	2,1	1,8	1,5	1,0	0,4	1,0
Europa Oriental	3,3	2,0	2,5	6,1	6,0	5,3
Rússia	1,7	1,1	1,9	10,0	9,0	8,0
Ásia/Pacífico	4,7	4,2	4,1	2,0	2,0	2,1
China	6,4	6,1	5,8	2,2	3,1	3,8
Coréia do Sul	2,7	2,9	2,7	1,1	1,3	1,6
Índia	7,3	6,2	7,0	5,0	5,3	5,0
Japão	0,8	1,0	0,2	1,0	0,6	0,7
Mundo	3,2	2,5	2,5	2,9	2,7	2,7

Fontes : Consensus Forecasts, FMI e SILCON. [a] Previsões em outubro de 2019

No front doméstico, os dados apresentados no início de dezembro das Contas Nacionais para o terceiro trimestre e a revisão rotineira permitem uma avaliação preliminar do primeiro ano do Governo Bolsonaro.[2] Com os dados do terceiro trimestre, a frustração permanece. Os números observados contrastam com as promessas do início de 2019 – que já sabíamos acima do possível. Nas estatísticas divulgadas no início de dezembro pelo IBGE, o PIB real teve variação positiva de 0,6 % sobre o segundo trimestre e de 1,2 % sobre o mesmo período de 2018. No acumulado em quatro trimestres, o crescimento foi de 1 %.

Na decomposição setorial, o produto real da agropecuária expandiu 2 % no acumulado em quatro trimestres, e 1,3 %, em relação ao trimestre imediatamente anterior. A Indústria ficou com produto real estagnado no acumulado em quatro trimestres e apenas 0,8 % contra o período anterior. O setor de Serviços, cresceu 1,1 % no acumulado em quatro trimestres e no ano.

Pela ótica da demanda, o destaque é dado pela formação bruta de capital fixo, com expansão de 3 %, o consumo das famílias com 1,7 % e queda de 0,8 % do governo. Nas contas comerciais com o exterior: as exportações cresceram 1,3 % e as importações, 2,4 %, no acumulado em quatro períodos. Como ponto positivo para o longo prazo, os investimentos fixos gradualmente respondem aos estímulos, e a taxa de investimento se aproxima dos 16 % do PIB. Os investimentos fixos tiveram a oitava variação positiva após 14 trimestres de queda continua.

[2] O IBGE realizou a revisão rotineira das estatísticas anteriores. O destaque marcante foi a melhoria das estatísticas agrícolas (PAM – Produção Agrícola Municipal, PPM – Produção da Pecuária Municipal, e a PEVS – Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura) que revisou a taxa de crescimento de 2018 de 0,1 % para 1,4 %, e dos dados trimestrais. Na Indústria e nos Serviços, a revisão gerou pequenas mudanças numéricas. No total, o crescimento do PIB real aumentou de 1,1 % para 1,3 % em 2018. Para a metodologia dos indicadores antecedentes, a revisão dos dados não modificou a cronologia das flutuações.

1 – Crescimento do Produto Interno Bruto

As estatísticas das contas nacionais para o terceiro trimestre de 2019 confirmaram o ritmo muito lento da recuperação econômica, prevista pelos nossos indicadores antecedentes desde 2017. Os últimos anos foram marcados por taxas de crescimento oscilando entorno de 1 %. Em 2018, o crescimento real do PIB atingiu 1,3 % - uma expansão pífia pela nossa história. No terceiro trimestre, a taxa anual no acumulado em quatro trimestres se manteve nos um por cento.

A atualização do indicador antecedente composto do crescimento do PIB real, com avanço estatístico médio de três trimestres, reforça a previsão de que a economia mantém a lenta recuperação. Nas nossas projeções, o crescimento do PIB atinge 1,2 % em 2019, avançando para 2 % no final do primeiro semestre de 2020. Poderia ser melhor se a política não atrapalhasse a gestão da política econômica e as reformas estruturais avançassem mais rápido.

Contas Nacionais e ambiente macroeconômico
Acumulado em quatro trimestres

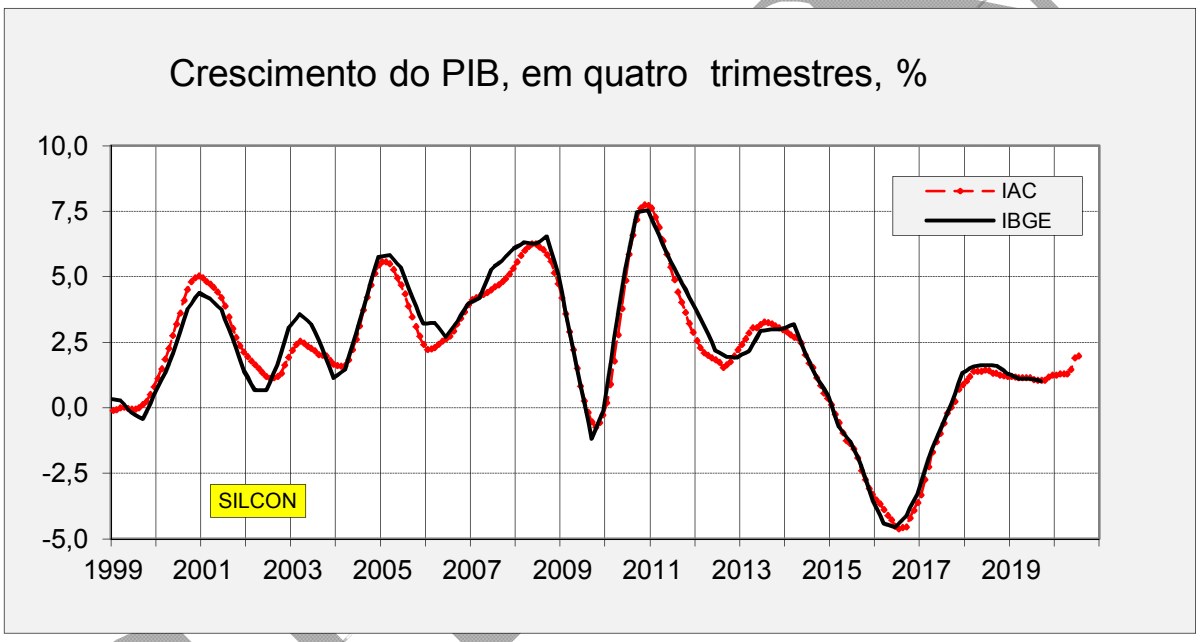
	2018				2019		
	I	II	III	IV	I	II	III
Produto Interno Bruto:							
R$ bilhões	6.651,9	6.723,0	6.812,2	6.889,2	6.957,0	7.048,1	7.153,3
Variação real, %	1,6	1,6	1,6	1,3	1,1	1,1	1,0
Ótica da oferta:							
Agropecuária	6,6	2,5	1,4	1,4	2,5	2,7	2,0
Indústria	0,2	1,0	1,3	0,5	0,1	-0,1	0,0
Construção civil	-7,8	-6,0	-4,0	-3,8	-2,7	-1,1	0,4
Serviços	1,6	1,8	1,7	1,5	1,2	1,2	1,1
Ótica da demanda :							
Consumo famílias	2,9	3,0	2,6	2,1	1,6	1,6	1,7
Consumo governo	-0,2	0,2	0,7	0,4	0,2	-0,1	-0,8
Formação de capital	-0,7	1,9	4,1	3,9	3,6	4,3	3,0
Exportações	5,7	4,4	3,1	4,0	2,4	3,4	1,3
Importações	6,0	7,9	9,6	8,3	5,7	5,3	2,4
Investimento, % PIB	14,6	14,7	15,1	15,2	15,3	15,5	15,5
Deflator implícito, %	3,0	2,8	3,1	3,3	3,3	3,7	3,9

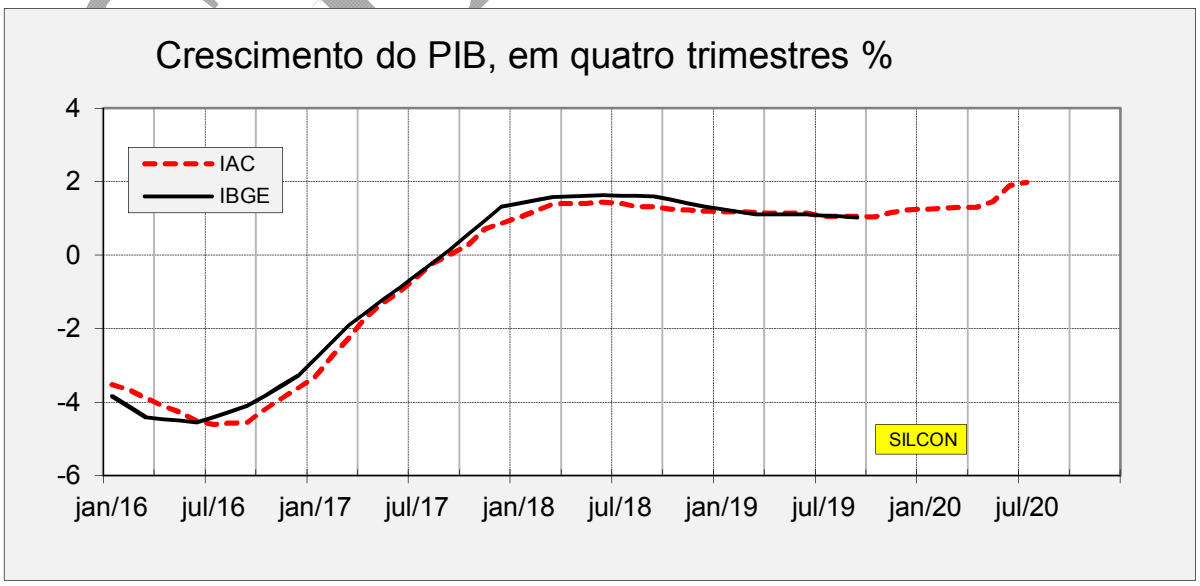
Fonte : IBGE. Elaboração SILCON

Composição do indicador antecedente composto
Crescimento do PIB real

Classe de variáveis-insumo	Nº variáveis-insumo	Avanço médio, em trimestres
Emprego, rendas	4	2
Mercado financeiro	3	4
Consumo	3	2
Produção	1	4
Total	11	3

Elaboração SILCON





2 – **Índice de atividade econômica do BACEN (IBC-BR)**

O IBC-BR - Índice de Atividade Econômica foi desenvolvido pelo Banco Central com objetivo de fornecer informações em base mensal e com divulgação mais rápida que as Contas Nacionais, que demora quase dois trimestres para ser conhecida. O IBC-Br serve como *proxy* mensal para a evolução da atividade econômica geral. É composto por variáveis identificadas como coincidentes, extraídas dos setores da agropecuária, indústria, serviços, e da arrecadação de impostos. Como acentua o Banco Central, por se tratar de indicador agregado de atividade, a taxa de crescimento do IBC-Br é frequentemente comparada à do Produto Interno Bruto. Embora a comparação seja natural, na medida que a estrutura do Sistema de Contas Nacionais é utilizada para seleção e uso das proxies empregadas na apuração do IBC-Br, existem diferenças conceituais, metodológicas e mesmo de frequência de apuração das duas variáveis.

Composição do indicador antecedente composto
Crescimento do IBC-Br

Classe de variáveis-insumo	Nº variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Emprego, rendas	7	5
Mercado financeiro	6	8
Consumo	2	9
Produção	2	5
Total	17	6

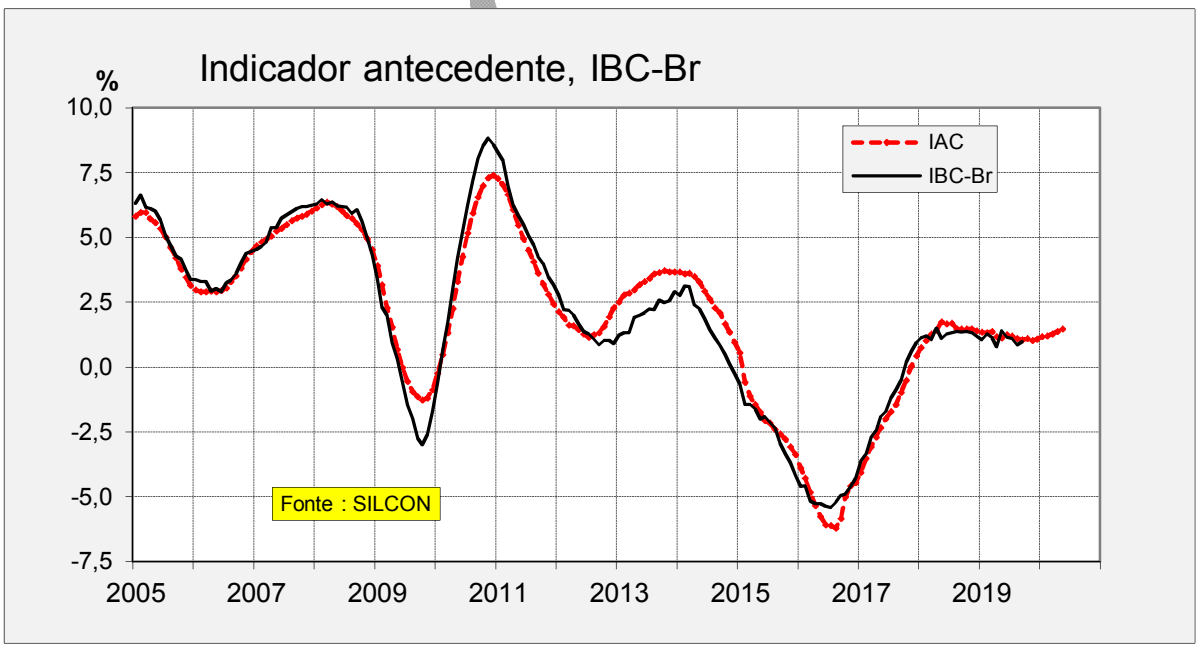
Elaboração SILCON

Em consequência, a cronologia das principais flutuações do acumulado em doze meses do IBC-BR é similar à observada no PIB, mas as taxas de crescimento podem ser diferentes, devido aos critérios distintos de cálculo. A amplitude das flutuações do IBC-Br é maior do que as do PIB. Em 2016, o IBC-Br mostrou uma queda de 4,4 %, maior do que os 3,6 % do PIB; em 2017,

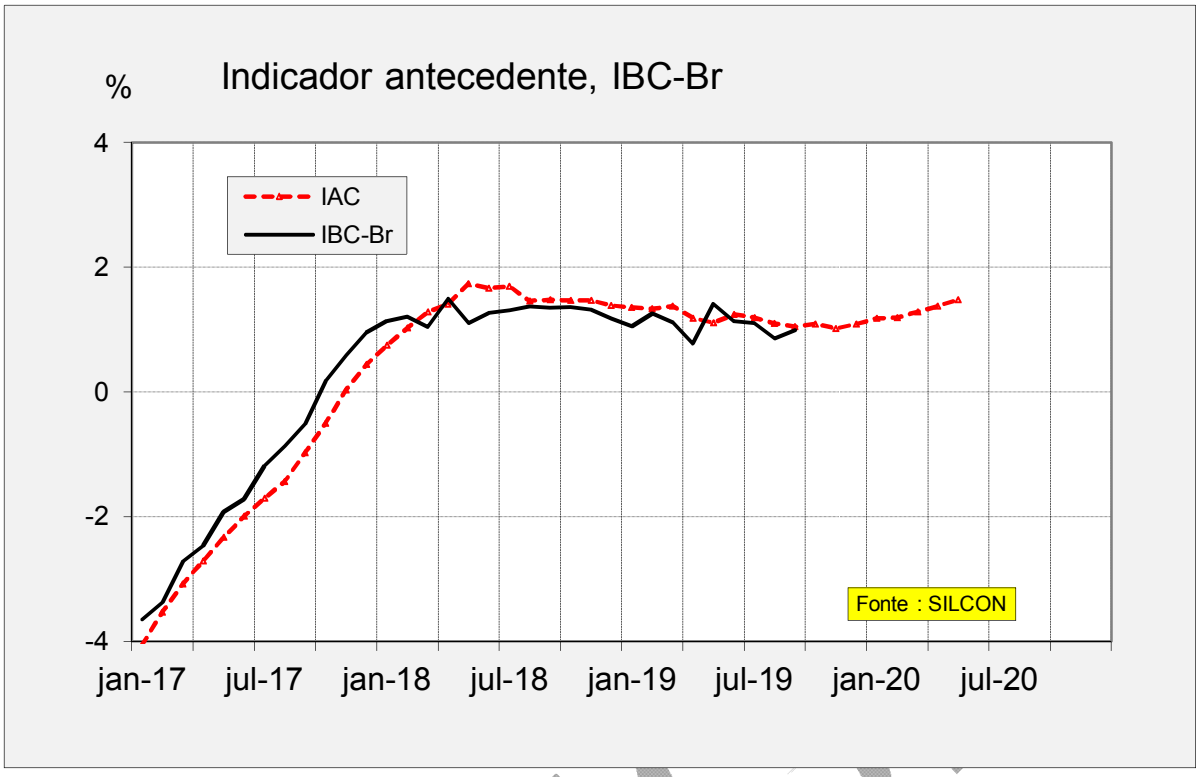
SILCON

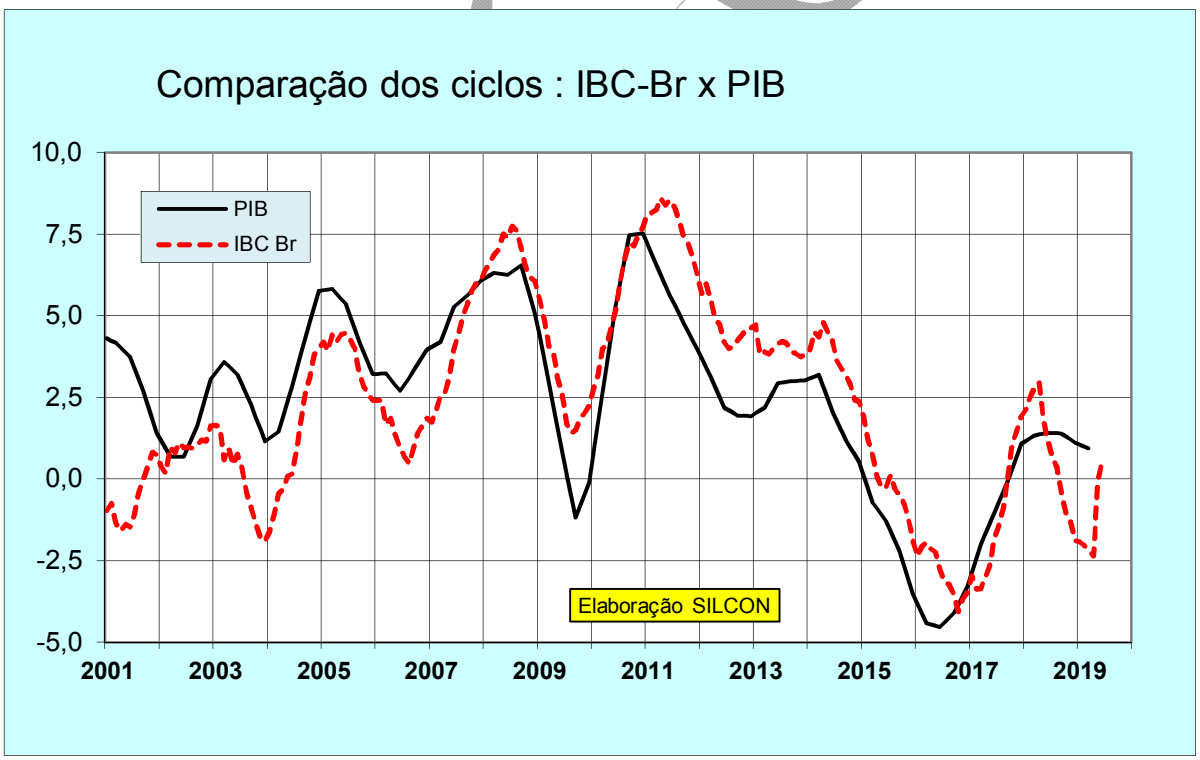
o IBC-Br teve expansão de 1,3 % contra 1 % do PIB; e em 2018, crescimento de 1,2 % empatando com o do PIB real. A fase das taxas negativas, no acumulado em 12 meses, terminou em 2017, com a recuperação iniciada no final do primeiro semestre de 2016 e observada com mais intensidade em 2017, mas sem grandes avanços, rateando entre 1 e 1,4 %. No final do terceiro trimestre de 2019, o IBC-Br mostrava a expansão de 0,99 % no acumulado em 12 meses.

E o IAC atualizado não aponta maiores novidades. Em 2019, a taxa de crescimento do IBC-Br atinge uns 1-1,1 %, não diferente da variação do PIB. Até final do primeiro semestre de 2020, a taxa de crescimento no acumulado em 12 meses do IBC-Br aumenta para 1,5 %, muito abaixo do crescimento prometido pelo governo. O indicador é formado por 17 variáveis-insumo com avanço estatístico médio de seis meses.



Os IACs apenas refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os indicadores antecedentes não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico que não estejam refletidas nas variáveis-insumo. As mudanças qualitativas devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização do IACs. Um resumo da metodologia é apresentado no final do boletim e nos relatórios disponíveis no site www.silcon.ecn.br .


Indicador antecedente, IBC-Br
%
4
2
0
-2
-4
IAC
IBC-Br
Fonte : SILCON
jan-17
jul-17
jan-18
jul-18
jan-19
jul-19
jan-20
jul-20


Comparação dos ciclos : IBC-Br x PIB
10,0
7,5
5,0
2,5
0,0
-2,5
-5,0
PIB
IBC Br
Elaboração SILCON
2001
2003
2005
2007
2009
2011
2013
2015
2017
2019

3 – Consumo das famílias

Desde 2015, o consumo privado deixou de ser um dos pilares na sustentação da atividade econômica e fechou aquele ano com queda de 4 %. Em 2018, o consumo das famílias cresceu 1,9 %, e no terceiro trimestre de 2019, 1,7 %, no acumulado em quatro trimestres. A deterioração do mercado de trabalho, tanto no nível de emprego, como nos salários reais; a oferta de crédito em condições menos favoráveis; a perda da confiança nas condições futuras e a inadimplência alta explicam o quadro desfavorável dos últimos anos. A partir de 2019, com a lenta recuperação do mercado de trabalho e do de crédito, as perspectivas são mais favoráveis e o consumo das famílias pode reassumir o pilar do crescimento.

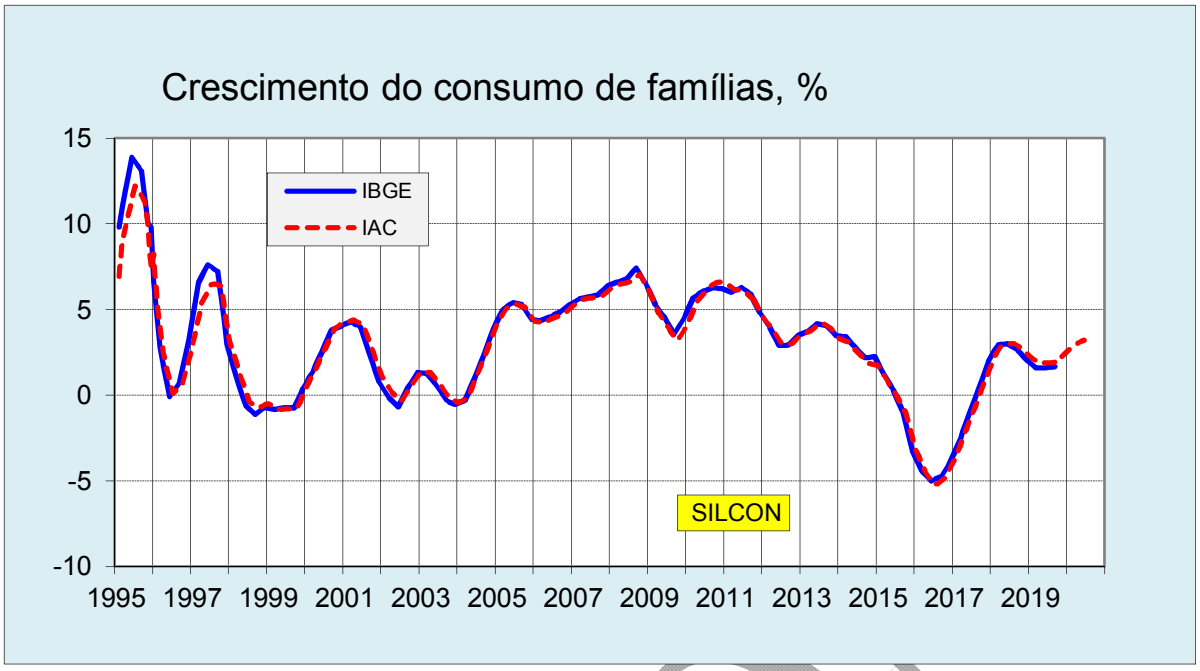
Composição do indicador antecedente composto
Consumo das famílias

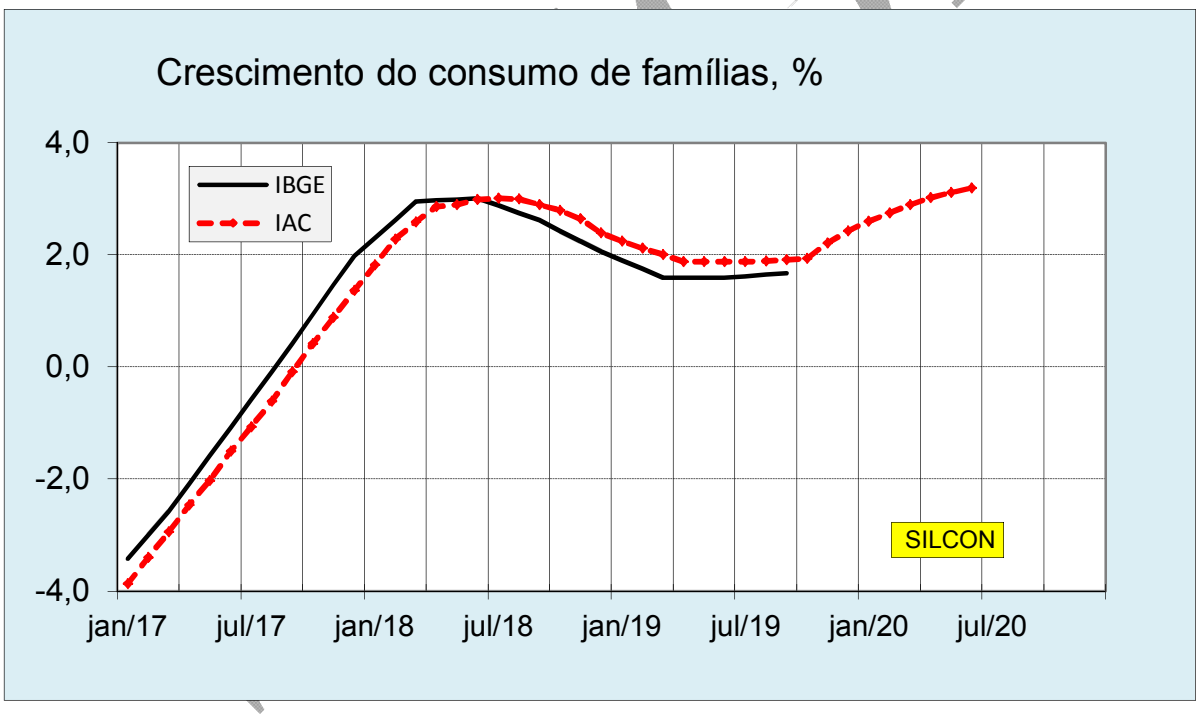
Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em trimestres
Emprego, renda	4	3
Mercado financeiro	1	3
Consumo	1	1
Insolvência	2	3
Produção	4	2
Total	12	2

Elaboração SILCON

O indicador antecedente composto sinaliza que o segundo semestre de 2019 e início de 2020 terão recuperação mais intensa, fechando 2019 com expansão próxima de 2,5 %. No final do primeiro semestre de 2020, a taxa de crescimento do consumo das famílias deve alcançar pouco mais de 3 %. O indicador antecedente é formado por 12 variáveis-insumo, com avanço estatístico médio de dois trimestres.

SILCON





Os IACs apenas refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os indicadores antecedentes não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico que não estejam refletidas nas variáveis-insumo. As mudanças qualitativas devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização do IACs. Um resumo da metodologia é apresentado no final do boletim e nos relatórios disponíveis no site www.silcon.ecn.br .

4 – **Formação bruta de capital fixo**

Desde 2014, diversos fatores têm bloqueado a retomada dos investimentos fixos, muitos gestados na administração do PT. Juros elevados; falta de confiança nas condições futuras causadas pela política econômica antimercado; ausência dos projetos governamentais complementares; inadimplência de famílias e empresas; falta de renda dos consumidores; e capacidade ociosa acima do normal foram as principais causas. No Governo Temer, a melhoria não foi suficiente para ganhos expressivos, e a administração Bolsonaro recebeu um legado de elevada capacidade ociosa, parque industrial antiquado e desanimo.

Com os novos ares ideológicos e as promessas da nova equipe, a confiança aos poucos é resgatada. Os números das Contas Nacionais já mostram tímidos avanços. A formação bruta de capital fixo fechou 2018 com um aumento de 4,1 % bem melhor que os números dos anos anteriores, e no final do terceiro trimestre, a expansão era de 3 % no acumulado em quatro trimestres. O fluxo real dos investimentos fixos ainda está nos níveis de uma década atrás, mas já numa fase de recuperação.

Composição do indicador antecedente composto
Formação bruta de capital fixo

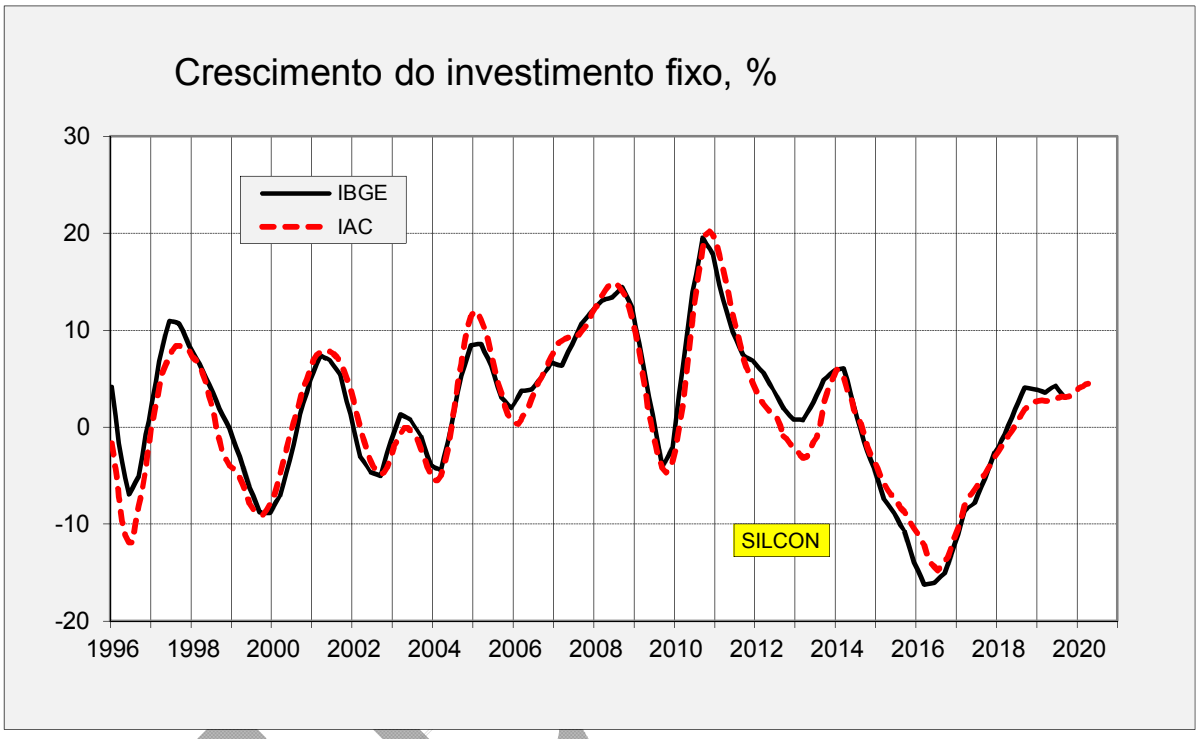
Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em trimestres
Emprego, renda	1	3
Mercado financeiro	2	4
Consumo	1	2
Produção	2	3
Total	6	3

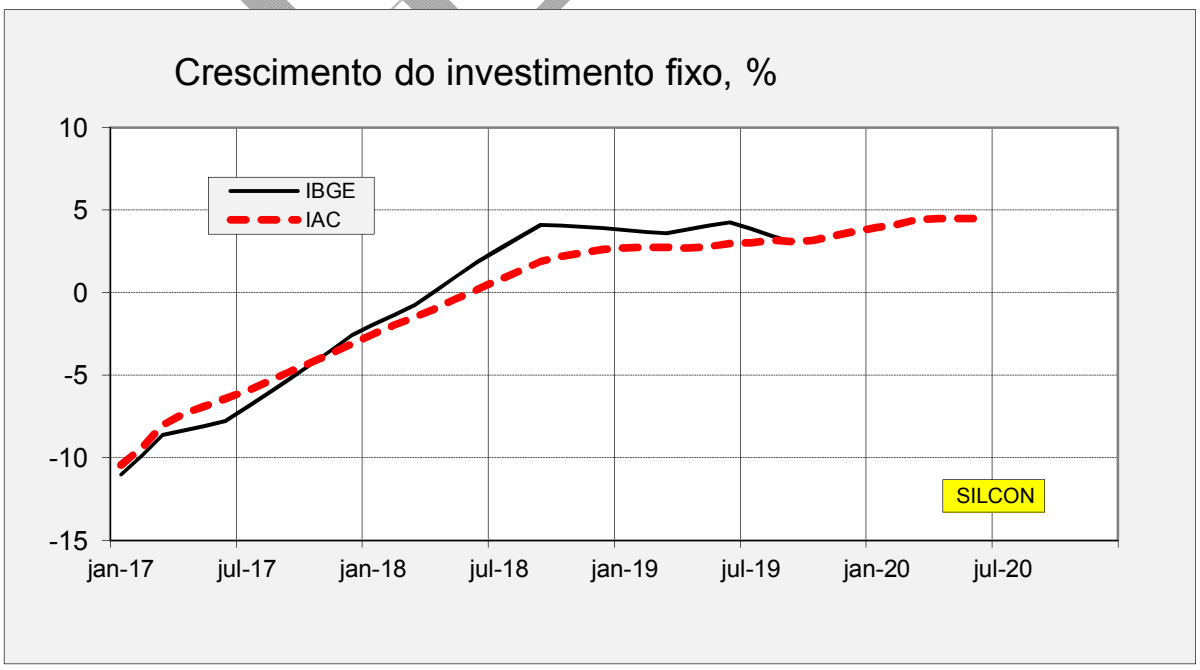
Elaboração SILCON

Para o segundo semestre de 2019 e início de 2020, a formação bruta de capital fixo continua em recuperação ainda modesta, com crescimento acima de 3,5 %. Ainda é pouco, e os avanços das reformas – principalmente a

SILCON

redução de impostos e burocracia para empreender – terão efeitos positivos em 2020, se implantados. A queda dos juros iniciada em 2017 despertou os interesses dos empresários pelos investimentos fixos mais prementes, mas não é capaz de gerar sozinha a retomada acelerada, num quadro de capacidade ociosa elevada. O indicador antecedente composto tem seis variáveis-insumo e avanço estatístico médio de três trimestres.





5 – Produto real da Indústria

O produto real da Indústria, conceito de oferta, teve leve queda (-0,1 %) no segundo trimestre de 2019, no acumulado em quatro trimestres. Desde 2014, a Indústria, medido pelo conceito de oferta, vem enfrentando uma longa fase de contração, e em 2017 o nível do seu produto real havia retrocedido ao de 2010. As atualizações do indicador antecedente composto para o produto industrial no conceito da oferta apontam crescimento de 1 % em 2019, aumentando para 1,5-2 % no primeiro semestre de 2020. O indicador antecedente é formado por 14 variáveis-insumo e tem avanço estatístico médio de três trimestres.

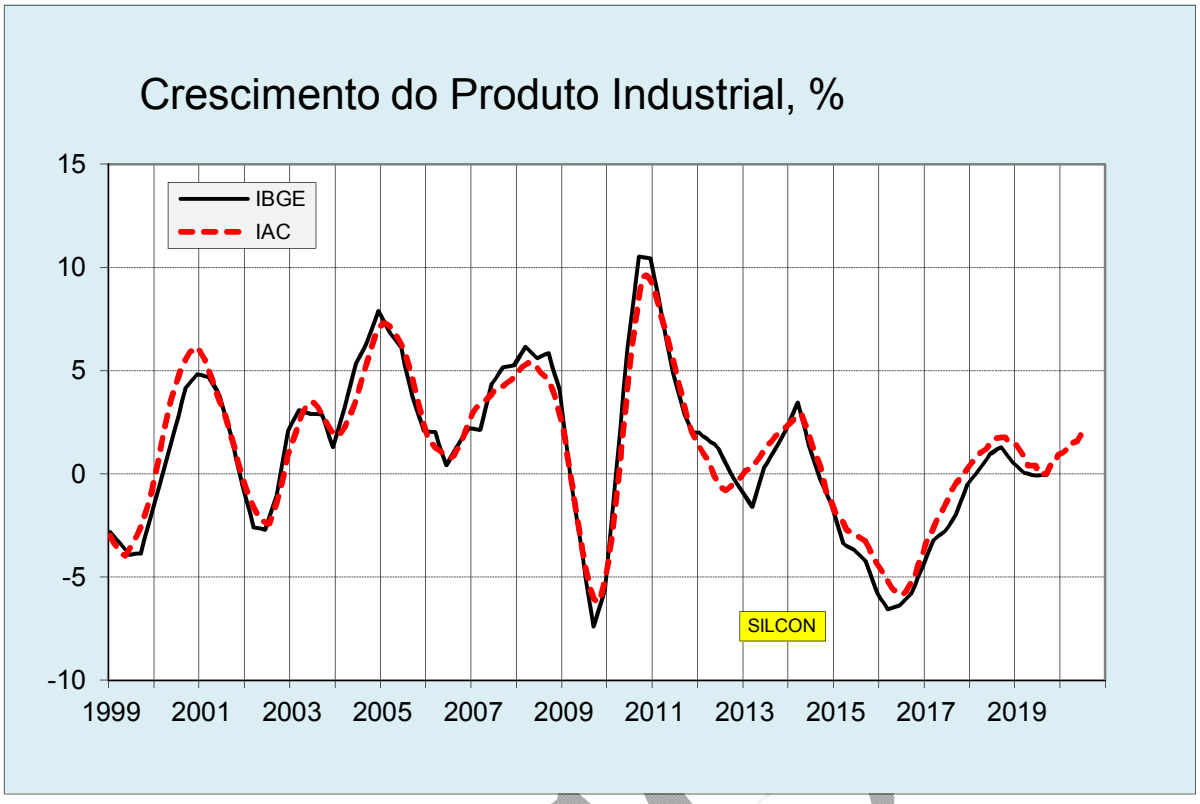
Composição do indicador antecedente composto
Produto real da Indústria, total

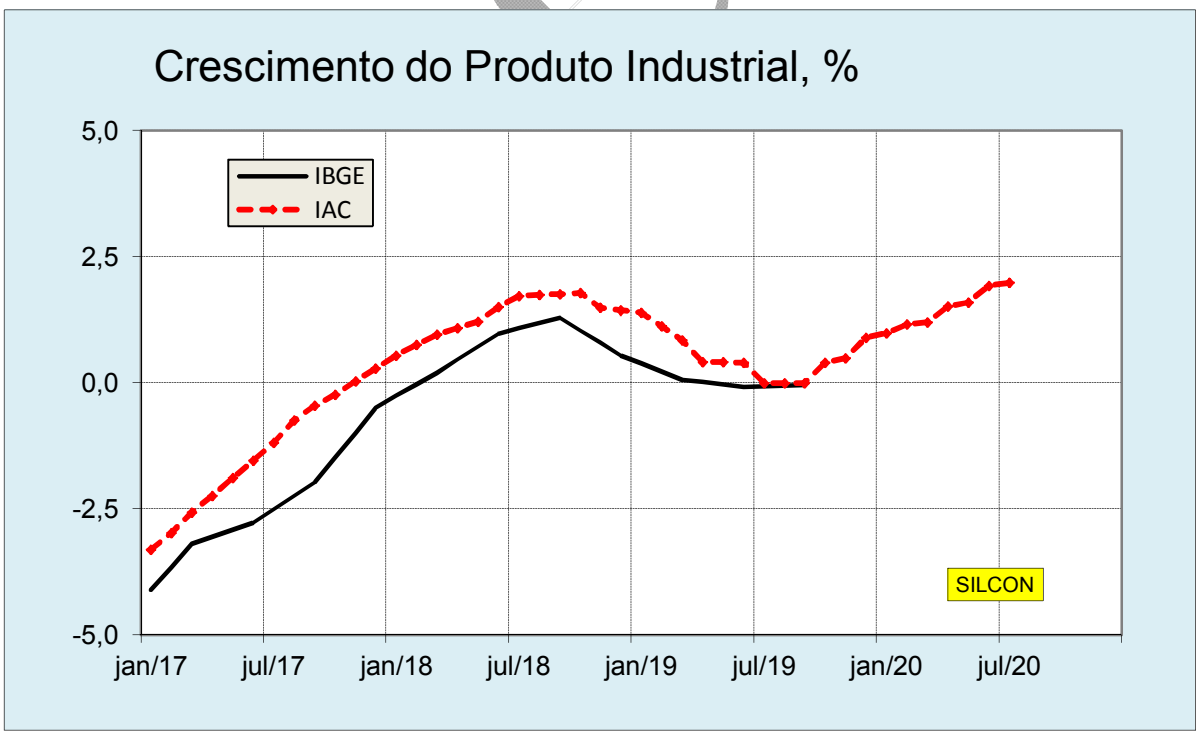
Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em trimestres
Emprego, renda	8	3
Mercado financeiro	1	3
Consumo	1	2
Insolvência	3	3
Produção	1	4
Total	14	3

Elaboração SILCON

Os IACs apenas refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os indicadores antecedentes não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico que não estejam refletidas nas variáveis-insumo. As mudanças qualitativas devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização do IACs. Um resumo da metodologia é apresentado no final do boletim e nos relatórios disponíveis no site www.silcon.ecn.br .

SILCON


Crescimento do Produto Industrial, %
IBGE
IAC
SILCON
15
10
5
0
-5
-10
1999
2001
2003
2005
2007
2009
2011
2013
2015
2017
2019


Crescimento do Produto Industrial, %
IBGE
IAC
SILCON
5,0
2,5
0,0
-2,5
-5,0
jan/17
jul/17
jan/18
jul/18
jan/19
jul/19
jan/20
jul/20

6 – Produto da Construção Civil

O setor de construção civil é outro setor de atividade que enfrenta uma fase de contração desde 2014, fechando 2017 com nível de produto real similar ao de 2010. Em 2016, o produto real do setor, medido pelo conceito de oferta, havia diminuído 5,6 %; em 2017, teve nova queda de 7,5 %, e encerra 2018 com nova diminuição de 3,8 %. No terceiro trimestre de 2019, o produto do setor ficou estagnado com crescimento nulo no acumulado em quatro trimestres.

A contração termina no segundo semestre de 2019, com o produto fechando o ano com expansão de 2 %. O primeiro semestre de 2020 mostrará taxas positivas de crescimento na faixa 2,5-2,9 %. O indicador antecedente da SILCON é formado por sete variáveis-insumo, com avanço estatístico médio de dois trimestres.

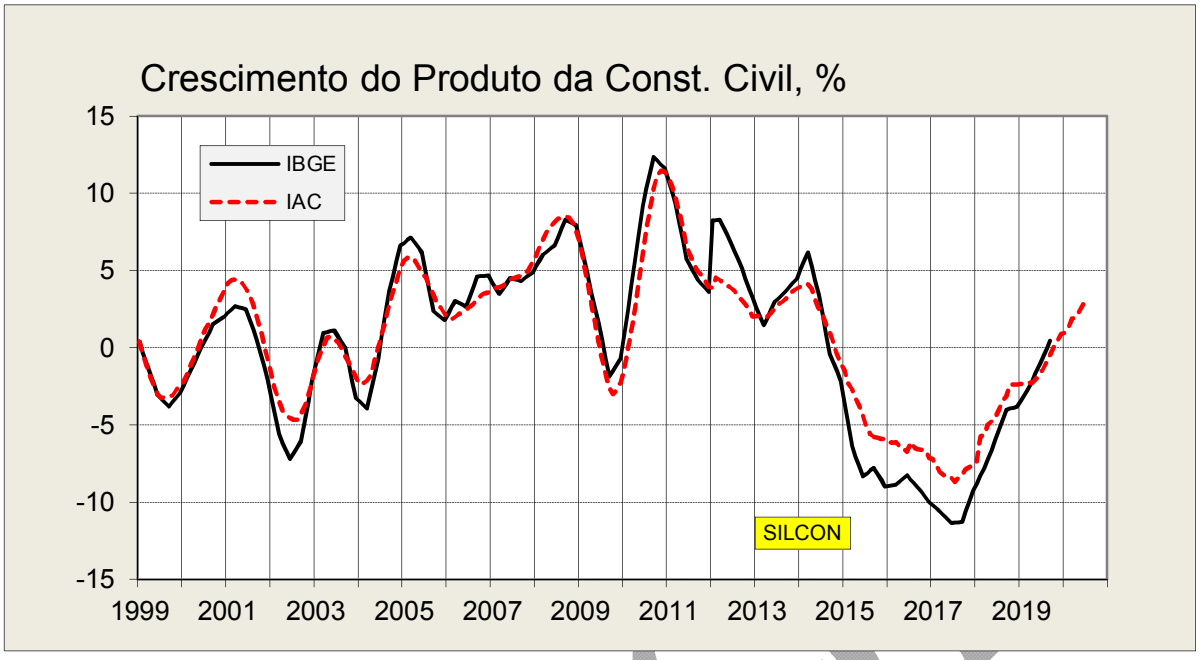
Composição do indicador antecedente composto
Produto real da Indústria de Construção Civil

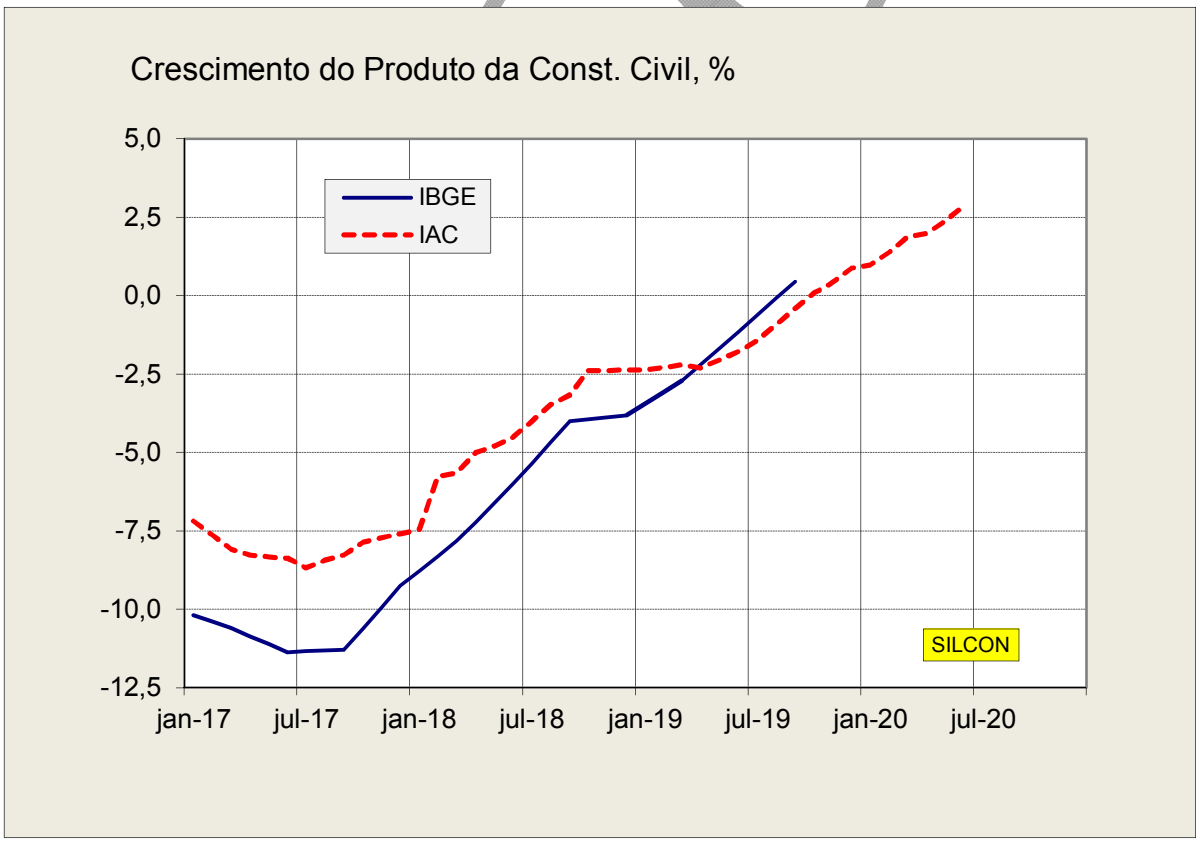
Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em trimestres
Emprego, renda	2	2
Mercado financeiro	1	2
Consumo	1	1
Produção	3	3
Total	7	2

Elaboração SILCON

Os IACs apenas refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os indicadores antecedentes não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico que não estejam refletidas nas variáveis-insumo. As mudanças qualitativas devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização do IACs. Um resumo da metodologia é apresentado no final do boletim e nos relatórios disponíveis no site www.silcon.ecn.br .

SILCON


Crescimento do Produto da Const. Civil, %
15
10
5
0
-5
-10
-15
IBGE
IAC
SILCON
1999
2001
2003
2005
2007
2009
2011
2013
2015
2017
2019


Crescimento do Produto da Const. Civil, %
5,0
2,5
0,0
-2,5
-5,0
-7,5
-10,0
-12,5
IBGE
IAC
SILCON
jan-17
jul-17
jan-18
jul-18
jan-19
jul-19
jan-20
jul-20

7 – Produto do Comércio

A atividade de Comércio, no conceito de oferta das Contas Nacionais, cresceu 2,3 % em 2018. No terceiro trimestre de 2019, o produto real do Comércio aumentou 2,5 % na comparação com o mesmo período de 2018, e 1,4 % no acumulado em quatro trimestres. Em 2019, o setor deve ter um crescimento de 2,5 %, avançando para 3,5 % no final do primeiro semestre de 2020. O indicador antecedente composto é formado por 17 variáveis-insumo, com avanço estatístico médio de dois trimestres.

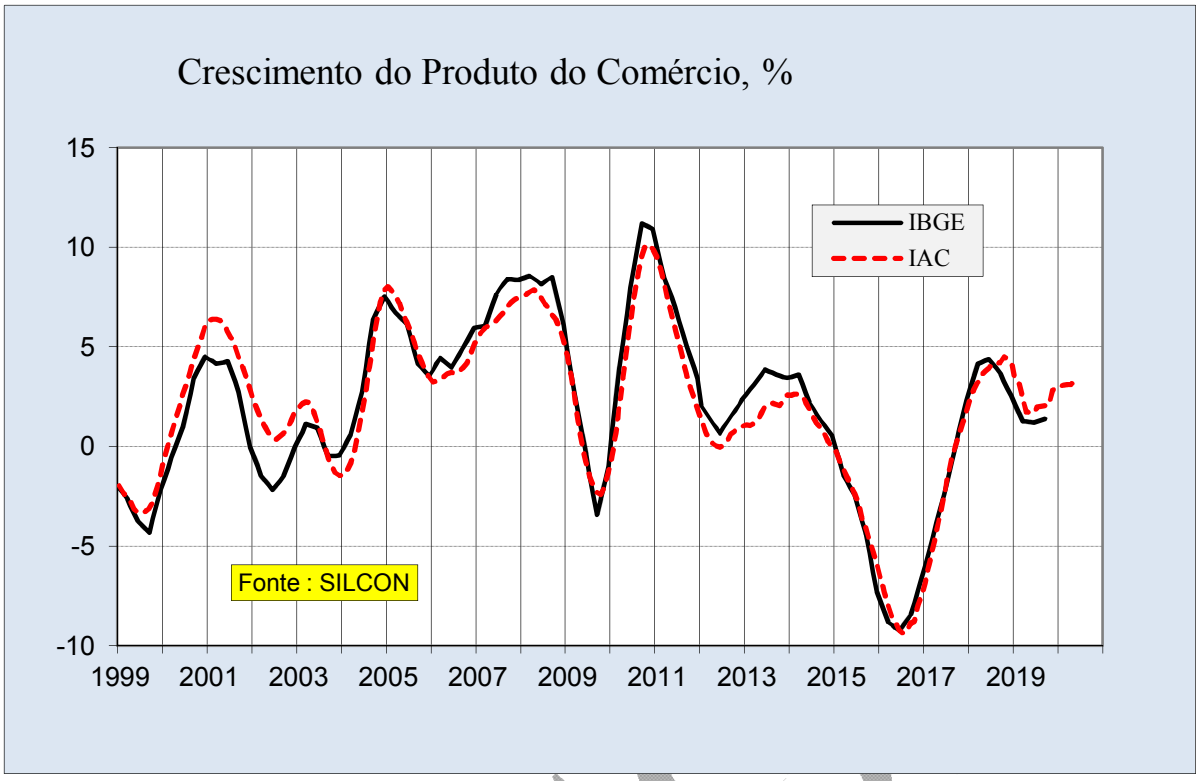
Composição do indicador antecedente composto
Produto real do setor de Comércio, ótica da oferta

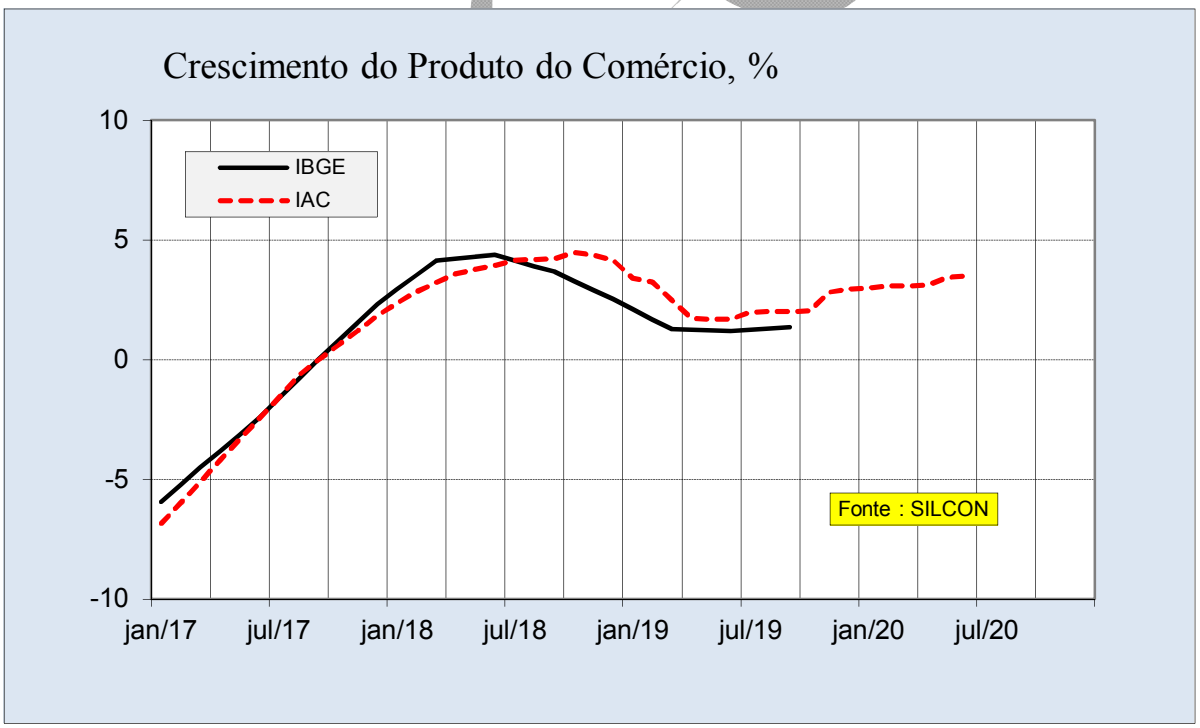
Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em trimestres
Emprego, renda	3	2
Mercado financeiro	4	2
Consumo	2	2
Produção	5	2
Insolvência	3	3
Total	17	2

Elaboração SILCON

A inadimplência das famílias, a queda das rendas e de empregos, as condições de crédito e as incertezas sobre o futuro respondem pela contração no produto do comércio até 2017. Pelas estatísticas históricas, a fase de contração de 2015-2017 só foi superada em 1991, com o Plano Collor, quando o produto do setor caiu 10 %.

SILCON


Crescimento do Produto do Comércio, %
15
10
5
0
-5
-10
1999
2001
2003
2005
2007
2009
2011
2013
2015
2017
2019
IBGE
IAC
Fonte : SILCON


Crescimento do Produto do Comércio, %
10
5
0
-5
-10
jan/17
jul/17
jan/18
jul/18
jan/19
jul/19
jan/20
jul/20
IBGE
IAC
Fonte : SILCON

8 – Atividades do turismo, Brasil

A atividade do turismo tem passado ao largo do interesse geral dos analistas, salvo aqueles especializados ou atuando no setor. A partir do boletim de junho de 2017 incluímos um indicador antecedente composto para a atividade do turismo no Brasil. O tema havia sido abordado parcialmente num trabalho desenvolvido para o Ministério do Turismo em 2006 para a previsão do fluxo de passageiros de transporte aéreo no Brasil.[3]

As estatísticas disponíveis ainda são escassas para retratar o setor e o objetivo do IAC é exatamente tentar cobrir esta lacuna. A variável-referência é o índice de volume de turismo, divulgado pelo IBGE na PMS - Pesquisa Mensal de Serviços, que cobre o volume das atividades de turismo de 12 estados (Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal) e para o agregado Brasil.

O indicador é formado por 11 variáveis, com avanço estatístico médio de oito meses, e tem uma correlação de 98,2 % com as flutuações observadas do volume de turismo.

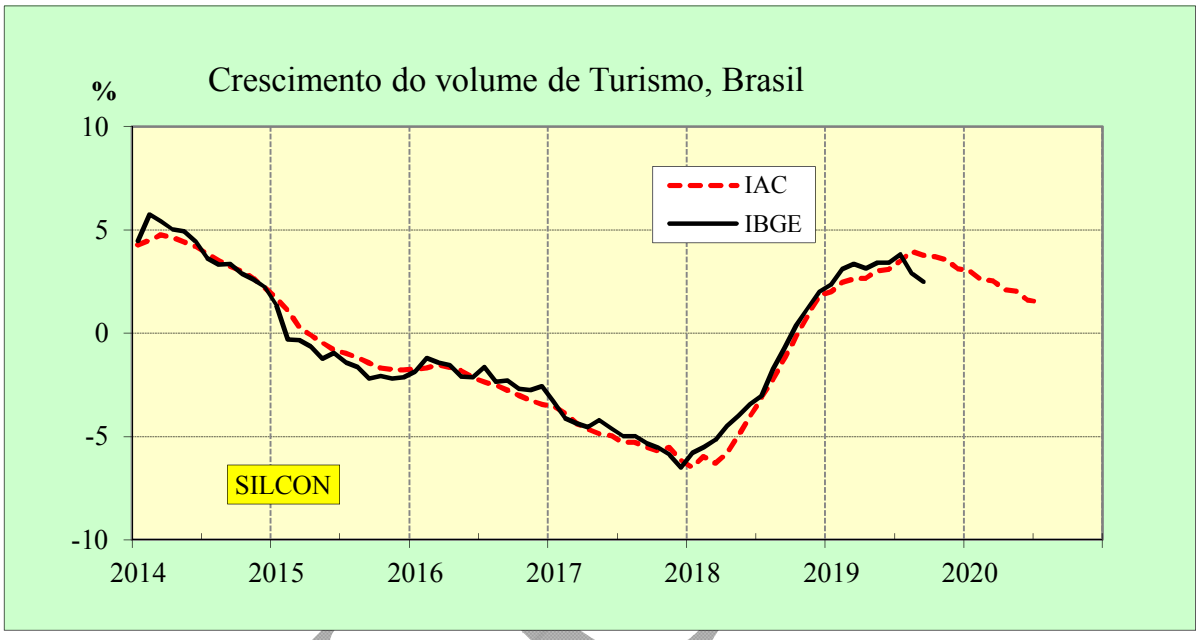
Composição do indicador antecedente composto
Crescimento do Turismo, Brasil, volume

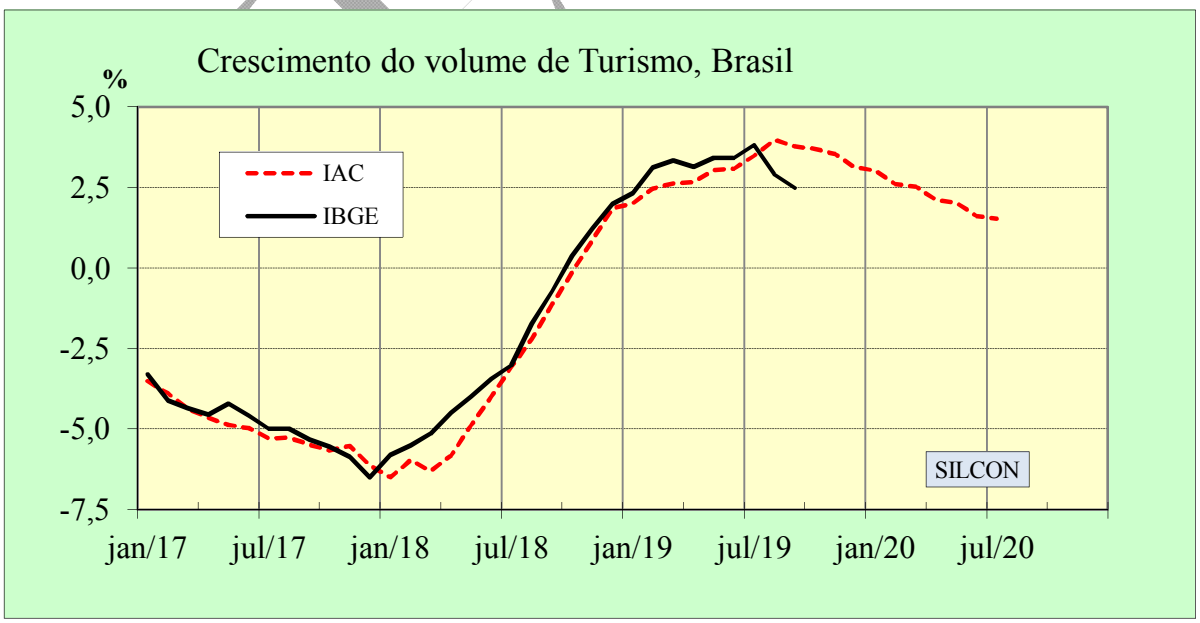
Classe de variáveis-insumo	Nº variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Emprego, rendas	3	8
Mercado financeiro	2	7
Consumo	4	9
Produção	2	9
Total	11	8

Elaboração SILCON

[3] SILCON Estudos Econômicos, RS059, "Sistema de indicadores antecedentes para o setor de turismo: fluxo de passageiros do transporte aéreo", Pesquisa Descrição de perfis e dinâmica da oferta e demanda de serviços turísticos, Ministério do Turismo, dezembro de 2006 e RS083, "Sistema de acompanhamento e previsão da atividade de turismo – IAC Brasil", setembro de 2017.

Em 2017 o volume do turismo teve uma retração de 6,5 % no acumulado em 12 meses, e em 2018, uma expansão de 2 %. Em setembro de 2019, a taxa aumentou para 2,5 %, mas apontando reversão para ritmo menor. Pelas previsões do IAC, o volume do turismo Brasil deve crescer 3,5-4 % em 2019. Para 2020, o crescimento previsto é menor, uns 2-2,5 % no final do primeiro semestre.





9 – Vendas totais de veículos

Desde 2013, as vendas de veículos no mercado doméstico vêm enfrentando queda contínua, distante dos anos áureos de 2012 e 2013. Em 2018, o licenciamento total de veículos leves e pesados - exclusive motocicletas e máquinas agrícolas - foi de 2,57 milhões unidades no acumulado em 12 meses, contra os 3,8 milhões de 2012. No ramo das motocicletas, as 958 mil unidades vendidas em 2018 contrastam com as 1,6 milhões de 2012. E nas máquinas agrícolas, as vendas domésticas em 2018 atingiram 48 mil unidades contra as 70 mil em 2012.

Vendas de veículos nacionais e importados no mercado interno
Em mil unidades, no acumulado em 12 meses

	2012	2016	2018	2019	
				Junho	Setembro
Licenciamentos, em mil					
Total geral (=1+2+3+4+5+6)	5.665,5	3.013,9	3.662,9	4.557,0	5.002,3
Total, exclus.motos (=1+2+3+4+5)	4.040,1	2.155,7	2.705,3	2.866,1	2.913,5
Total de veículos: (=1+2+3+4)	3.802,1	2.050,3	2.566,4	2.708,4	2.750,4
Veículos leves (1+2)	3.634,2	1.988,6	2.475,4	2.598,4	2.633,0
1 - Automóveis	3.115,2	1.688,3	2.099,6	2.207,7	2.234,8
2 - Comerciais leves	519,0	300,3	375,8	390,8	398,3
Veículos pesados (=3+4)	167,9	61,7	91,1	110,0	117,4
3 - Caminhões	139,2	50,6	76,0	90,7	97,5
4 - Ônibus	28,7	11,2	15,1	19,2	19,9
5 –Máquinas Agrícolas	70,1	43,7	47,8	47,7	45,8
6 - Motociclos	1.625,4	858,1	957,6	1.690,9	2.088,7
Crescimento em 12 meses, %					
Total geral	-4,8	-22,6	15,8	35,3	42,2
Total, exclusive motos	3,4	-20,3	15,2	14,4	12,3
Total de veículos:	4,6	-20,2	14,6	13,5	11,5
Veículos leves	6,1	-19,8	13,8	12,4	10,5
- Automóveis	7,4	-20,5	13,1	12,3	10,7
- Comerciais leves	-1,0	-16,0	17,5	13,0	9,2
Veículos pesados	-19,1	-30,2	43,0	46,8	41,3
- Caminhões	-19,5	-29,4	46,3	45,2	40,5
- Ônibus	-16,9	-33,5	28,3	54,8	45,6
5 –Máquinas Agrícolas	7,4	-4,4	7,7	11,1	1,0
6 - Motociclos	-20,5	-27,9	17,6	95,8	126,3

Fontes : ANFAVEA e ABRACICLO. Elaboração SILCON

Na comparação com 2012, a contração nas vendas domésticas foi generalizada em todos os tipos de veículos, mas pelo menos as vendas em 2018

estão em recuperação, com nova expansão no primeiro semestre de 2019. Os dados de setembro, sempre no acumulado em 12 meses, mostraram que as vendas ficaram praticamente estáveis, com 2,75 milhões, pouco maior do que os 2,7 milhões de junho.

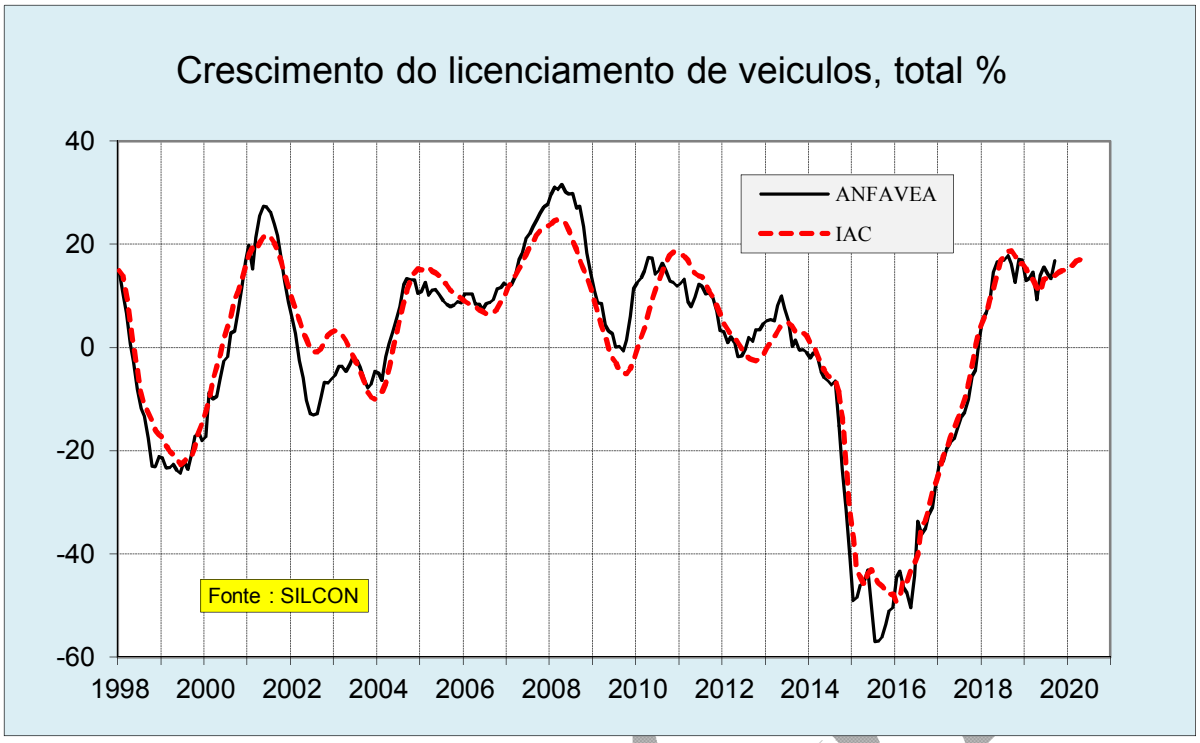
Na fase atual de recuperação, o indicador antecedente para o crescimento das vendas do mercado doméstico de veículos leves e pesados (exclusive motocicletas), sinaliza taxas elevadas de crescimento para 2019, no intervalo 10-11 % no acumulado em 12 meses, e 9-11 % em junho de 2020. O indicador antecedente para o crescimento dos licenciamentos do total de autoveículos, formado por oito variáveis-insumo, tem avanço estatístico médio de dez meses.

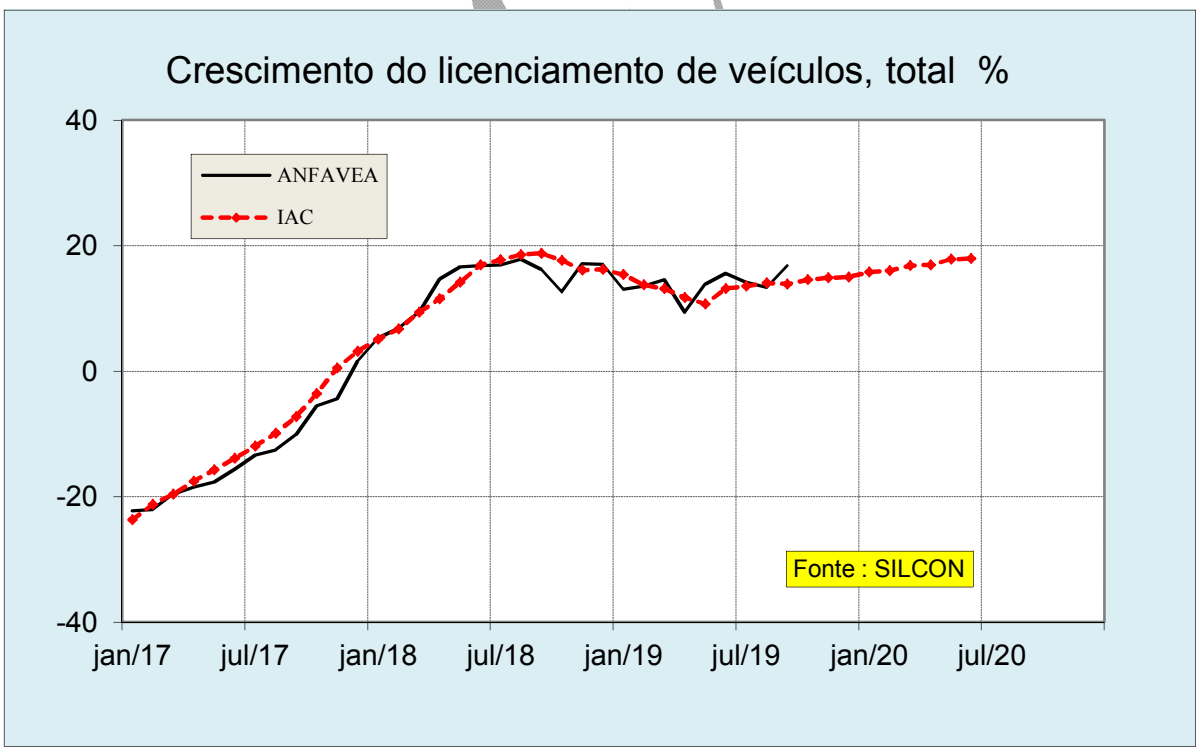
Composição do indicador antecedente composto,
Vendas de veículos leves e pesados, nacionais e importados

Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Emprego, renda	3	11
Mercado financeiro	2	11
Insolvência	2	9
Produção	1	6
Total	8	10

Elaboração SILCON

SILCON


Crescimento do licenciamento de veiculos, total %
40
20
0
-20
-40
-60
1998
2000
2002
2004
2006
2008
2010
2012
2014
2016
2018
2020
ANFAVEA
IAC
Fonte : SILCON


Crescimento do licenciamento de veículos, total %
40
20
0
-20
-40
jan/17
jul/17
jan/18
jul/18
jan/19
jul/19
jan/20
jul/20
ANFAVEA
IAC
Fonte : SILCON

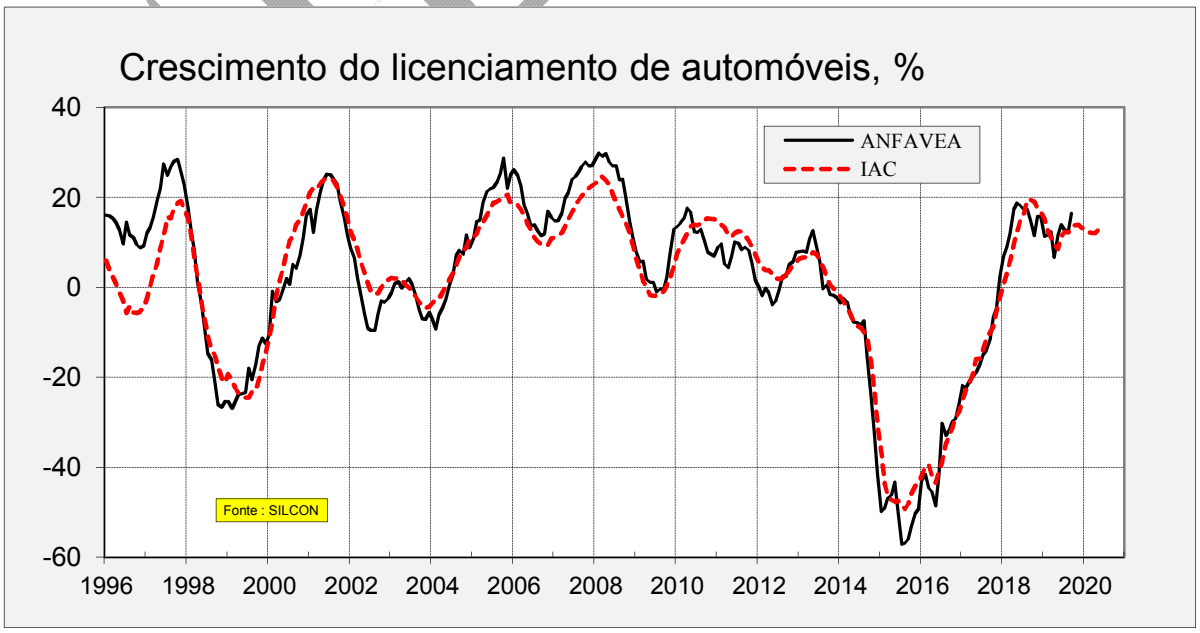
10 – Vendas de automóveis

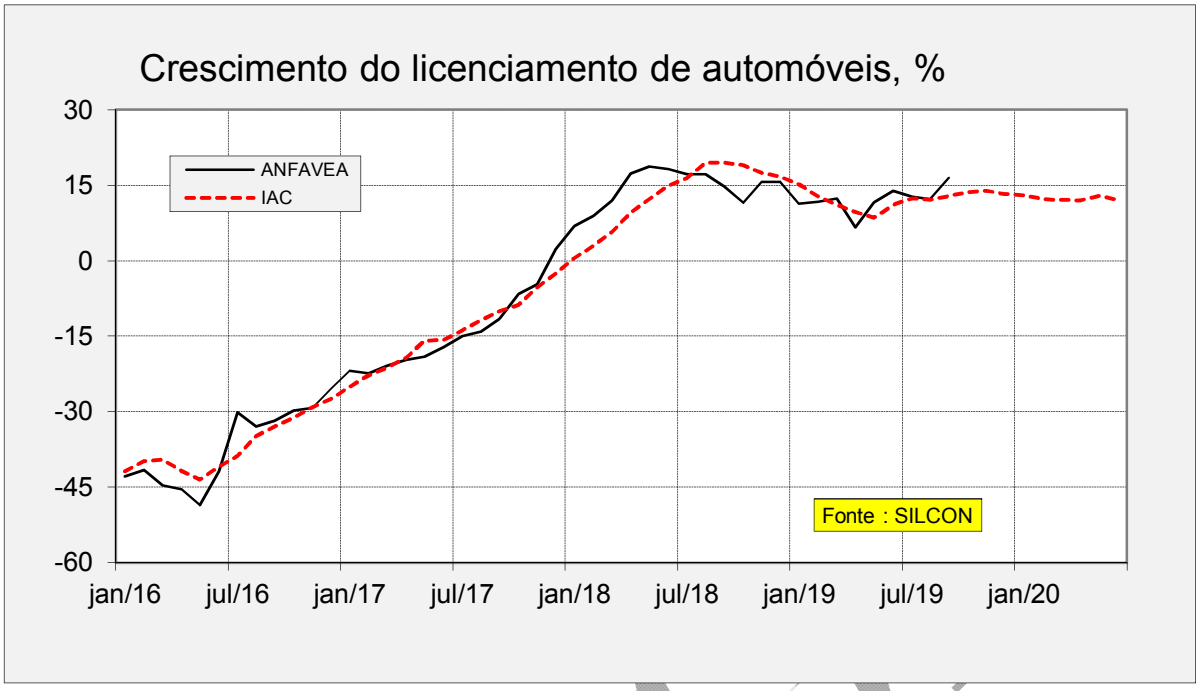
A recuperação das vendas domésticas de automóveis acompanhou a tendência geral do mercado de veículos, mas com menor intensidade. Em 2017, os licenciamentos foram de 1.856 mil unidades, contra os 3,1 milhões de 2012. Em 2018, já haviam crescido para 2,1 milhões, e em setembro de 2019 alcançaram 2,2 milhões, com crescimento de 11 % no acumulado em 12 meses. A projeção com o indicador composto é de licenciamentos de 2,33 milhões em 2019, e o crescimento se mantem pelo primeiro semestre de 2020, pelo menos, alcançando a taxa de 10-11 % no acumulado em 12 meses.

Composição do indicador antecedente composto,
Vendas domésticas de automóveis, nacionais e importados

Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Emprego, renda	4	7
Mercado financeiro	2	7
Consumo	2	8
Insolvência	1	10
Produção	4	5
Total	13	6

Elaboração SILCON





SILCON

Os IACs apenas refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os indicadores antecedentes não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico que não estejam refletidas nas variáveis-insumo. As mudanças qualitativas devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização do IACs. Um resumo da metodologia é apresentado no final do boletim e nos relatórios disponíveis no site www.silcon.ecn.br .

11 – Fluxo de veículos por rodovias

O fluxo de veículos por estradas e rodovias responde ao ritmo de atividade, principalmente dos setores Agropecuária, Indústria e Comércio. Por consequência, esta variável é sugerida como *proxy* para o ritmo da atividade econômica. No entanto, existem diferenças importantes na cronologia das flutuações do PIB e do fluxo total de veículos nas rodovias pedagiadas. O fluxo de veículos registrado pela ABCR não é um indicador confiável para retratar a evolução da atividade econômica, uma vez que omite o setor de serviços (67 % do PIB), além de excluir o fluxo nas demais rodovias não consideradas nos levantamentos da ABCR.

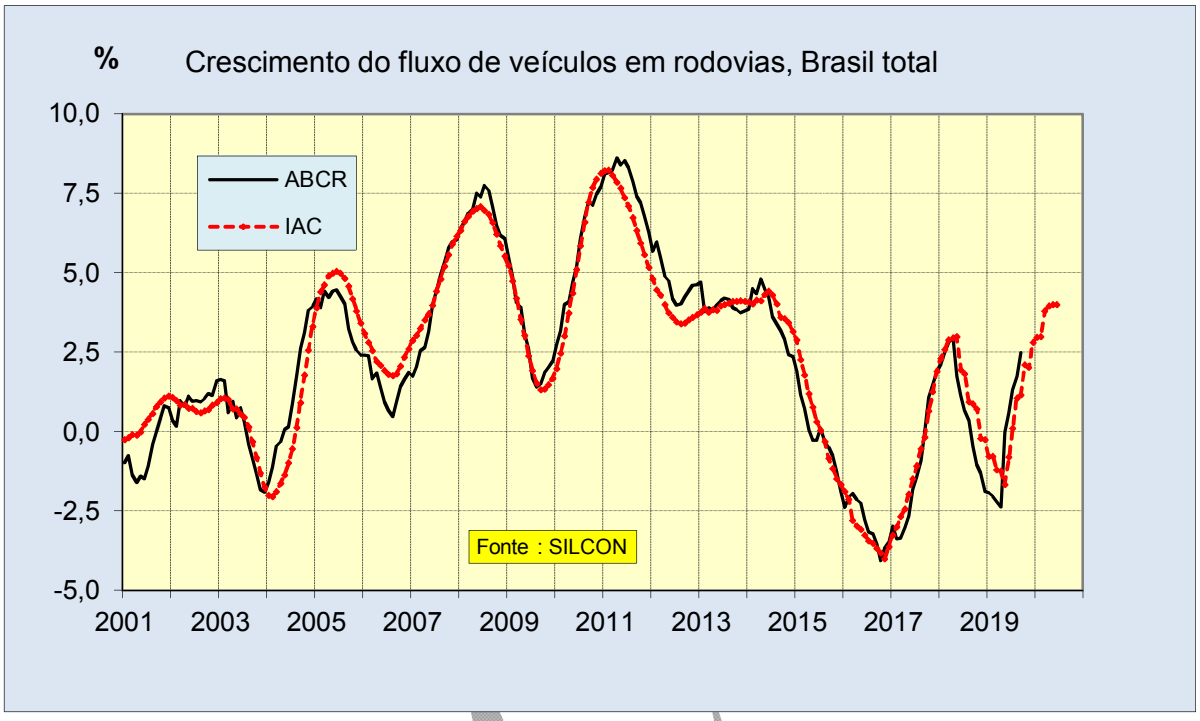
Composição do indicador antecedente composto
Fluxo total de veículos por rodovias ABCR, Brasil

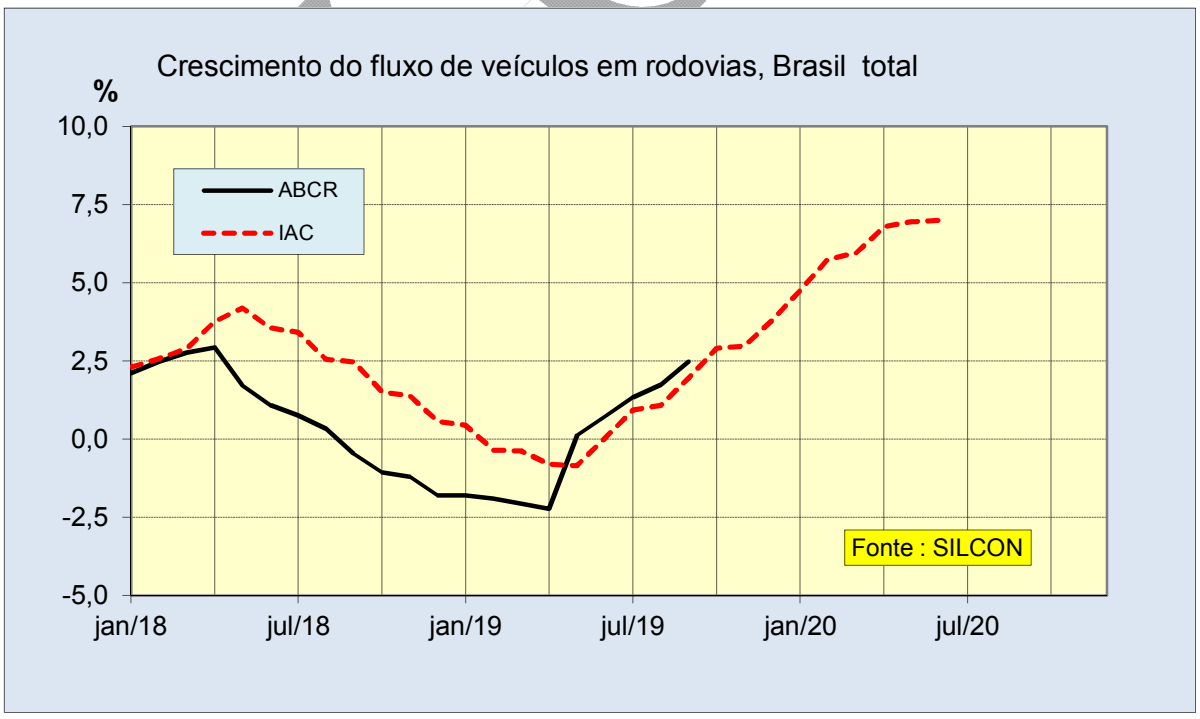
Classe de variáveis-insumo	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Emprego, renda	5	4
Consumo, vendas	6	7
Mercado financeiro	8	8
Produção	3	8
Total	22	7

Elaboração SILCON

Ao longo de 2015 e 2016, o crescimento do índice da ABCR acompanhou a evolução do PIB. Em 2016 fechou com queda de 3,8 % no movimento contra 3,5 % de retração do PIB. Em 2017 cresceu 1,9 %, contra 1 % do PIB, e em 2018, caiu 1,9 % contra a expansão de 1,2 % do PIB. Em setembro de 2019, o crescimento do fluxo total de veículos nas rodovias pedagiadas já atingia 2,5 %, no acumulado em 12 meses. Pelas projeções do indicador antecedente composto, o fluxo total de veículos pelas rodovias pedagiadas se acelera e atinge em 2019, taxa próxima de 3 %, avançando para

uns 4 % no final do primeiro semestre de 2020. O indicador antecedente do fluxo de veículos é formado por 22 variáveis-insumo, com avanço estatístico médio de sete meses.





12 – Vendas do Comércio varejista, Brasil

O Comércio Varejista, na média nacional, saiu em janeiro de 2018 da contração iniciada em 2015. As vendas em volume do comércio varejista, segundo a pesquisa PMC do IBGE, tiveram uma queda de 4,4 % em 2015 e outros 6,2 % em 2016, algo que não ocorria desde 2003. Em 2017, nova queda – modesta – de 0,3 %, mas já numa fase de recuperação, o que permitiu que o volume de vendas crescesse 12,8 % em 2018. Ao longo de 2019, o crescimento ficou estabilizado nos 12 -12,5 % no acumulado em 12 meses, o que é um resultado excelente.

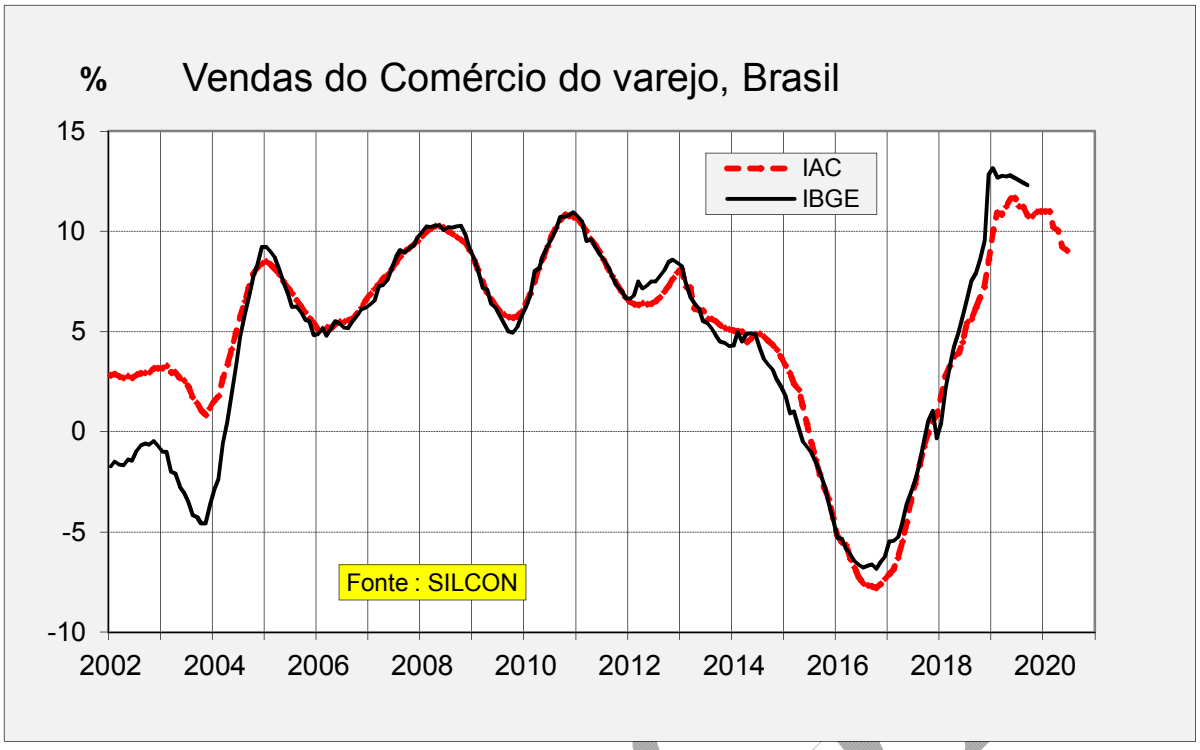
Composição do indicador antecedente composto
Crescimento do comércio varejista, Brasil

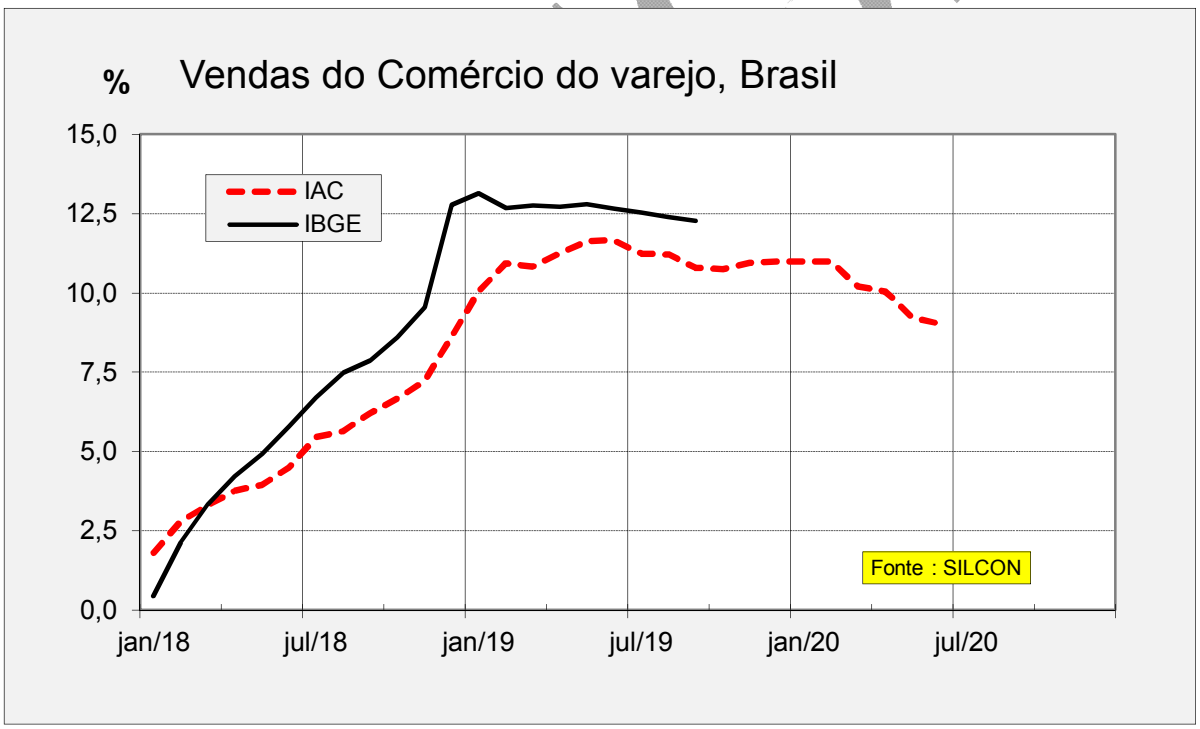
Classe de variável	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Mercado de trabalho	3	8
Produção	2	4
Expectativas, finanças	5	8
Vendas, consumo	5	7
Total	15	8

Elaboração SILCON

A reorientação da política macroeconômica favorece o comércio varejista com a retomada do crédito e a queda na taxa básica de juros, mas o crescimento das rendas e o mercado de trabalho ainda não decolaram. Pela composição do indicador antecedente, o comércio varejista cresce em 2019 na faixa dos 9-12 % em 12 meses, o que muito bom. As estimativas para 2020 sinalizam uma leve queda do crescimento no primeiro semestre do ano. O indicador antecedente composto é formado por 15 variáveis, com avanço estatístico médio de oito meses.

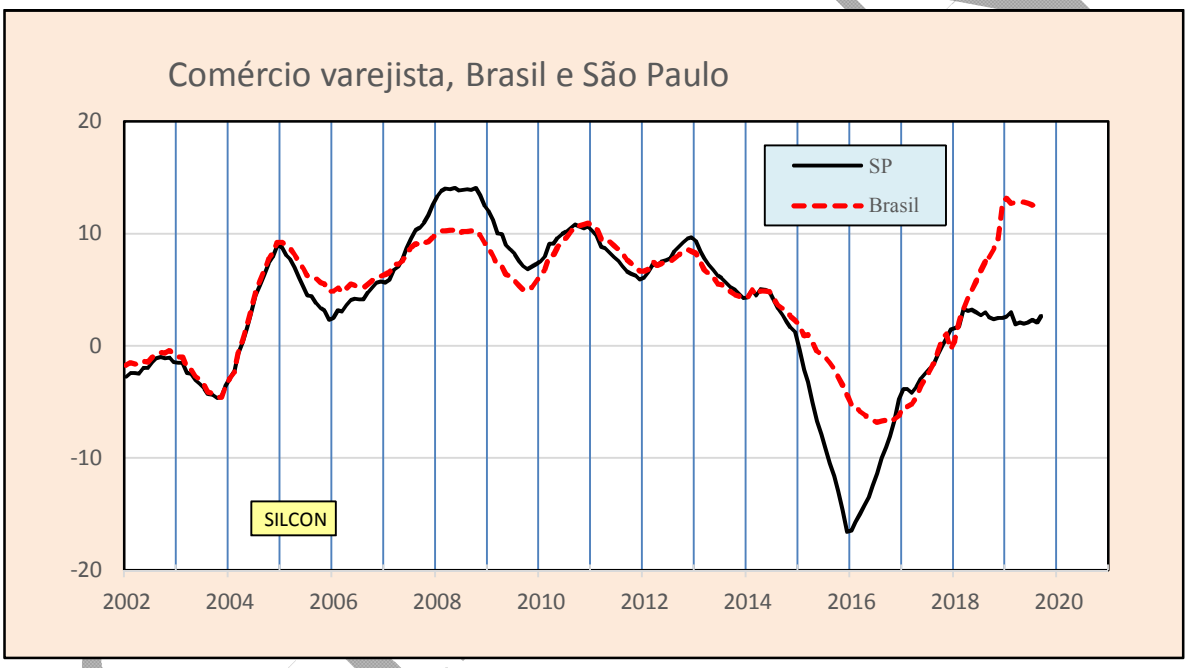
SILCON


%
Vendas do Comércio do varejo, Brasil
15
10
5
0
-5
-10
2002
2004
2006
2008
2010
2012
2014
2016
2018
2020
IAC
IBGE
Fonte : SILCON


%
Vendas do Comércio do varejo, Brasil
15,0
12,5
10,0
7,5
5,0
2,5
0,0
jan/18
jul/18
jan/19
jul/19
jan/20
jul/20
IAC
IBGE
Fonte : SILCON

13 – Vendas do Comércio varejista, São Paulo

Por solicitação de interessados, apresentamos o indicador antecedente composto para o crescimento do volume do comércio varejista de São Paulo. Para ampliar o período da estimação empírica, os dados mensais da Federação do Comércio SP foram encadeados para o período anterior a 2000 quando iniciaram os levantamentos da pesquisa PMC do IBGE. No geral, a cronologia das reversões dos ciclos do comércio varejista de São Paulo é similar à do agregado Brasil. As diferenças ocorrem nas taxas de crescimento e na amplitude das flutuações.



De 2015 a 2017, o comércio varejista de SP passou por uma forte contração : em 2016, a queda no volume das vendas atingiu 6,6 %, contra 6,3 % a nível Brasil; em 2017 apresentou um pequeno crescimento de 0,6 % contra a queda de 0,3 % na média Brasil, e em 2018, fechou o ano com expansão de 2,3 %, bem inferior aos quase 13 % de aumento do volume Brasil.

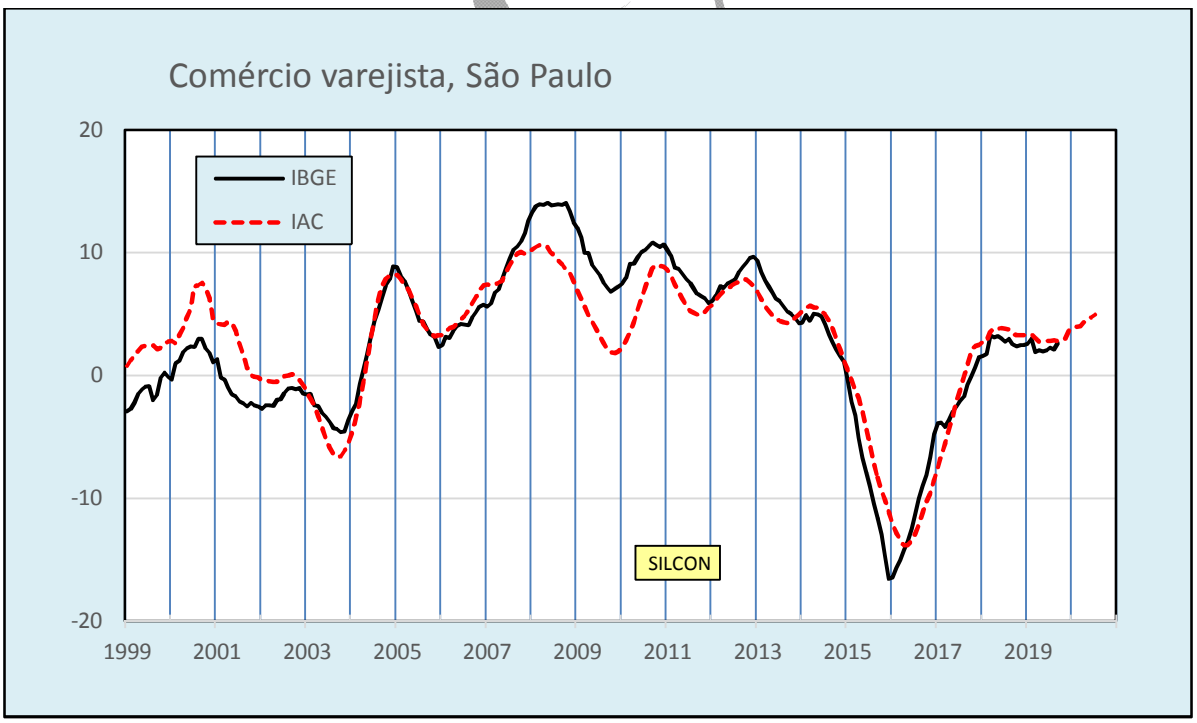
O indicador antecedente IAC para o varejo de SP é formado por 11 variáveis-insumo, com avanço estatístico médio de sete meses. A correlação entre as flutuações do IAC e as taxas observadas de variação do volume do comércio varejista de São Paulo é de 85,4 % no período 1999-2017.

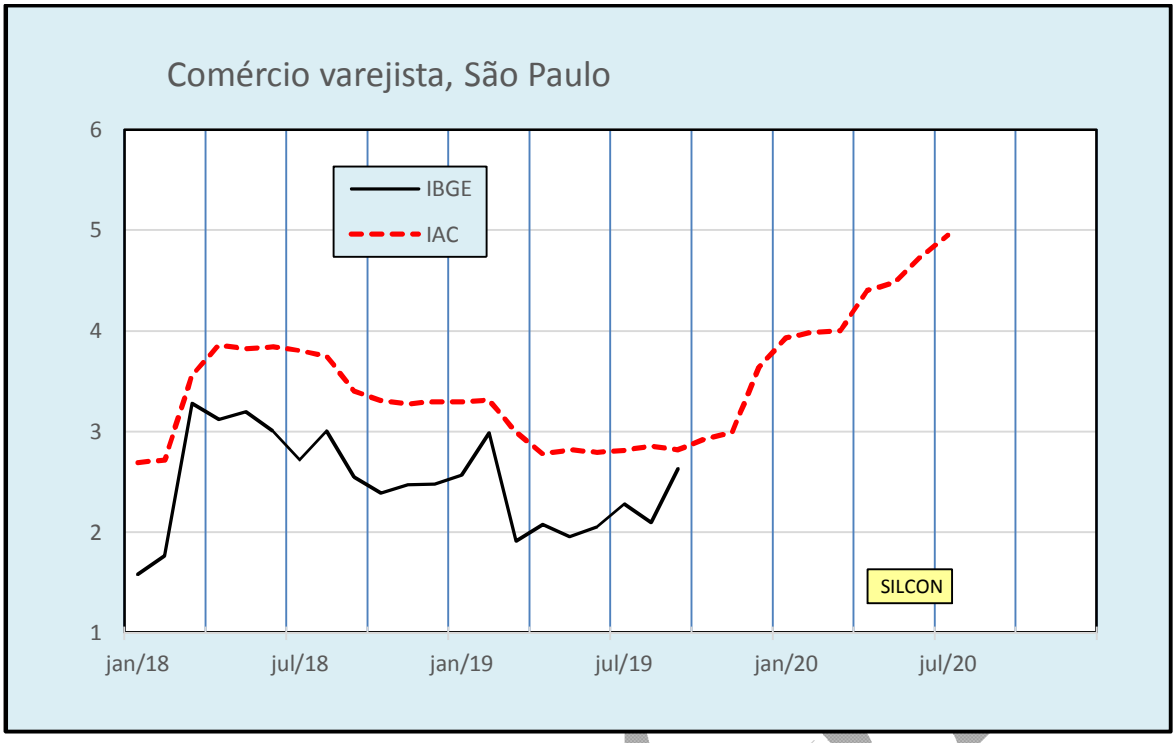
Composição do indicador antecedente composto
Crescimento do comércio varejista, São Paulo

Classe de variável	No. variáveis-insumo	Avanço médio, em meses
Mercado de trabalho	3	8
Produção	1	11
Expectativas, finanças	5	6
Insolvência	1	9
Vendas, consumo	2	5
Total	11	7

Elaboração SILCON

O indicador antecedente composto sinaliza que a expansão modesta do volume de vendas se mantem no segundo semestre de 2019, com crescimento previsto de 2-3 % no ano, e as primeiras estimativas assinalam um resultado melhor no primeiro semestre de 2020.





SILCON

Os IACs apenas refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os indicadores antecedentes não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico que não estejam refletidas nas variáveis-insumo. As mudanças qualitativas devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização do IACs. Um resumo da metodologia é apresentado no final do boletim e nos relatórios disponíveis no site www.silcon.ecn.br .

14 – Resumo das previsões dos IACs

O quadro abaixo resume as projeções com os indicadores antecedentes para as atividades selecionadas neste número do boletim. O *link* Estatística dos indicadores no site www.silcon.ecn.br lista as séries das variáveis-referência e dos indicadores compostos apresentados no Boletim. Quando necessário, os indicadores são ajustados para a mesma dimensão da variável-referência, com a escala corrigida por regressão.

Quadro geral das previsões com indicadores antecedentes[g]
Taxas de crescimento do acumulado em quatro trimestres ou em 12 meses, %

Variável[h]	2017[a]	2018[a]	2019	2020
			Dezembro[b]	Junho[b]
Produto Interno Bruto, real[f]	1,1	1,3	1,2	2,0
Consumo de famílias[f]	1,4	2,1	2,5	3,0
Formação bruta de capital fixo[f]	-2,5	3,9	3,7	4,5
IBC-Br	1,3	1,2	1,1	1,5
Produto da Indústria[f]	-0,5	0,5	1,0	1,9
Produto do Comércio[f]	2,2	2,5	2,9	3,5
Construção civil[f]	-7,5	-2,5	-0,3	0,4
Venda totais de veículos, leves e pesados	1,6	15,2	11,0	10,0
Vendas de automóveis	2,3	13,1	10,0	11,0
Fluxo total veículos, rodovias pedagiadas[e]	1,9	-1,9	3,0	4,0
Vendas do comércio varejista, Brasil[c]	1,0	12,8	10,0	9,0
Vendas do comércio varejista, São Paulo[c]	1,8	2,3	2,0	3,0
Turismo Brasil, volume	-6,5	2,0	3,5	2,5

[a] Observado, dados revistos. Fontes: IBGE, Bacen, ANFAVEA, ABCR, SILCON.
[b] Previsões IACs, SILCON, final do período. [c] Volume das vendas, PMC/IBGE.
[d] Deflacionamento pelo IGP-DI (FGV). [e] Fluxo de veículos nas rodovias com pedágio (ABCR)
[f] Contas Nacionais, variação em quatro trimestres.

SILCON

15 – ICC-M Indicadores regionais

A SILCON divulga indicadores coincidentes compostos mensais para todos os estados da federação, com o objetivo de suprir o atraso na divulgação dos dados de PIB estadual. A metodologia utiliza a extração de componentes principais de variáveis disponíveis a nível estadual, sendo o primeiro componente a *proxy* para a atividade econômica da região. Os detalhes estão no relatório RS 076 - Indicadores Coincidentes para atividade econômica dos estados, SILCON, março de 2015, e também em Seminários DIMAC 457, IPEA, Rio de Janeiro, março de 2015. A listagem dos ICCs está disponível por e-mail por solicitação.

SILCON

Os IACs refletem as informações contidas nas suas variáveis antecedentes. Portanto, as previsões com os IACs não capturam mudanças qualitativas ocorridas no setor ou no ambiente econômico, que devem ser consideradas pelo usuário para a correta utilização das previsões. O resumo da metodologia é apresentado no final deste boletim. Detalhes da metodologia dos indicadores antecedentes, textos básicos e aplicações devem ser solicitados pelos e-mails diretoria@silcon.ecn.br ou comercial@silcon.ecn.br. O fornecimento de textos por e-mail é gratuito. Partes deste relatório podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Resumo da metodologia dos IACs - indicadores antecedentes compostos

O princípio dos indicadores antecedentes compostos é simples e intuitivo. Algumas variáveis têm a propriedade de resumir informações capazes de sinalizar com antecedência de vários meses o início de uma recessão ou de uma recuperação, tanto para a atividade agregada como para setores específicos. Por exemplo, um aumento na insolvência de empresas e de consumidores significa que o ritmo de atividade e de consumo deve sofrer uma queda nos meses futuros. Mudanças nas encomendas de máquinas, das licenças para novas construções, do salário real e do nível de emprego, juros reais e outras medidas de política econômica são outras variáveis capazes de prever ou de gerar uma mudança na fase cíclica.

Através de testes estatísticos, é possível identificar o conjunto de variáveis – denominadas variáveis-insumo – que antecipam, com significância estatística, as flutuações da variável-referência. Embora não seja necessário sobre o ponto de vista do princípio da antecedência, as variáveis-insumo devem estar fora do controle ou influência da variável que se deseja prever.

Portanto, o indicador antecedente composto para uma determinada atividade simplesmente retrata o conteúdo futuro das suas variáveis-insumo. A nossa experiência mostra que o sistema de indicadores antecedentes é mais confiável para previsão cíclica de curto prazo que qualquer outro método.

Com este instrumental, as empresas podem aperfeiçoar os esforços de produção e comercialização, gerenciar vendas, administrar estoques, definir estratégias de promoções e de marketing, estabelecer políticas de preços, e definir o "timing" para negociação com fornecedores e sindicatos. Outra vantagem é integrar as áreas de marketing, finanças e planejamento estratégico, centradas no acompanhamento e da previsão do comportamento do mercado em que operam.

SILCON

No caso de setores específicos, para o qual existe uma federação ou associação representativa que congrega as empresas do setor, como por exemplo, a indústria de veículos e o setor de seguro, a previsão dos indicadores antecedentes depende também das mudanças geradas pela instituição, como campanhas de propaganda, melhoria da qualidade da gestão institucional, auto regulação etc. São fatores sob controle do setor, que afetam o seu desempenho. Nestes casos, os indicadores antecedentes podem assumir a função adicional de avaliar o desempenho e o efeito das mudanças induzidas pela associação. Assim se o desempenho das vendas e/ou produção de um setor, com algum controle sobre o seu ambiente, supera a previsão do indicador antecedente pode significar que utilizou com mais eficiência os fatores específicos e/ou a associação atuou com melhor qualidade na defesa dos associados. Erros deste tipo são benvindos, mas exigem análise estatística especifica.

Sistemas de previsão com indicadores antecedentes podem ser desenvolvidos pela SILCON para atividades específicas, de uso restrito da empresa e da instituição contratante. O sistema SIA® - Sistema de Indicadores Antecedentes tem registro (Certificado RS 03114-2, expedido em 20 de outubro de 2009) no INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

As aplicações nas empresas

O sistema de indicadores antecedentes presta-se para acompanhamento e previsão dos movimentos de variáveis representativas de vendas, produção, etc., atendendo ao objetivo tático de empresas, organizações, gestores e investidores do mercado financeiro. No mercado financeiro, os indicadores antecedentes podem reduzir os custos da análise fundamentalista, identificando os setores de atividade com comportamento cíclico que favorecem operações a vista e a termo, de ativos financeiros. A análise fundamentalista pode então se concentrar nos ativos financeiros dos setores mais promissores.

SILCON

A **SILCON** Estudos Econômicos/C.R.Contador & Associados produz quatro séries de textos :

1 - Carta Mensal Cenários & Previsões, com análise de temas conjunturais e efeitos nos cenários macroeconômicos.

2 – Boletim trimestral O que dizem os indicadores antecedentes da SILCON, com previsões de variáveis macroeconômicas e setoriais importantes baseadas na técnica de indicadores antecedentes. Disponível apenas aos clientes da SILCON. Divulgado nos meses março, junho, setembro e dezembro.

3 – Carta Setorial com análise da conjuntura e previsões para setores importantes, com periodicidade trimestral. A primeira série é a Carta Setorial dos Mercados de Seguros e Previdência. Disponível apenas aos clientes da SILCON. Divulgado em janeiro, abril, julho e outubro de cada ano.

4 - Relatórios SILCON (RS), com pesquisas sobre temas diversos, elaboradas pela equipe da Consultoria e consultores convidados. Alguns relatórios são distribuídos de forma reservada, apenas para os clientes da SILCON e cadastrados. A lista parcial dos relatórios está reproduzida a seguir.

RS031 "A previsão de ciclos: uma abordagem didática do método dos indicadores antecedentes", julho de 1995

RS032 "Parcimônia, informação redundante e multicolinearidade", março de 1997

RS033 "Macroeconomia e seguros: a montagem de cenários estratégicos", setembro de 1998

RS034 "Carteiras de investimento e imóveis: os ganhos com a diversificação no Brasil", outubro de 1998

RS035 "Os efeitos da regulação nos investidores institucionais", novembro de 1998

RS036 "Administrando as reservas técnicas das seguradoras: três questões", dezembro de 1998

RS037 "Planejamento estratégico, *market share* e a economia", janeiro de 1999

RS038 "Ajuste fiscal, câmbio e inflação: cenários 1999-2000", fevereiro de 1999

RS039 "Previsões e cenários econômicos: a arte e o engano", setembro de 1999

RS040 "Insolvências: acompanhamento e previsão", fevereiro de 1999

SILCON

RS041 “Uma contribuição à história do seguro no Brasil”, outubro de 1999

RS042 “Mercado de Capitalização: o resgate da história e os cenários futuros”, novembro de 1999

RS043 A Indústria de TV por assinatura: os fatores de demanda e as perspectivas no Brasil, dezembro de 1999

RS044 “Previsão com Indicadores Antecedentes”, janeiro de 2000

RS045 “Eficiência, produtividade e tecnologia: avaliação do desempenho de empresas”, março de 2000

RS046 “Metas inflacionárias e política econômica: o emprego de indicadores antecedentes”, abril de 2000. apresentado como “Inflation targeting and leading indicators: some notes”, Seminário “One Year of Inflation Targeting, Rio de janeiro, 10-11 de julho de 2000, Banco Central do Brasil.

RS047 “Indicadores antecedentes: uma bibliografia básica”, primeira versão, abril de 2000

RS048 “Economic activity in 2001: what the leading indicators forecast”, novembro de 2000, apresentado no “Seminário sobre Indicadores antecedentes”, IPEA/OECD/CEPAL, Rio de Janeiro, 4-5 de dezembro de 2000.

RS049 “Identificação e seleção de variáveis na montagem de indicadores antecedentes”, fevereiro de 2001

RS050 “Cenários macroeconômicos 2001-02: efeitos da restrição energética”, junho de 2001

RS051 “Financing economic growth in Brazil: challenges and opportunities”, agosto de 2003, publicado como "O financiamento da retomada: desafios e oportunidades", em Dias Leite, Antônio e João Paulo dos Reis Velloso (eds), O novo governo e os desafios do desenvolvimento, (Rio de Janeiro, Jose Olympio Editora, 2002).

RS052 “Mercado de embalagens e atividade econômica: um sistema de indicadores antecedentes”, dezembro de 2005

RS053 “A conjuntura pós-eleição : o que dizem os indicadores antecedentes”, setembro de 2006

RS054 “Juros e atividade econômica: evidências empíricas para reflexão”, fevereiro de 2007, publicado em Carta Mensal CNC, vol.53, no. 627, junho de 2007, pp.29-43

RS055 “Ambiente macroeconômico no início do segundo mandato : os anos 2007-2008”, março de 2007

RS056 “Ambiente macroeconômico e a Construção Civil: os anos 2007-2008”, março de 2007, apresentado no III Seminário “A economia Brasileira e a construção civil”, SINDUSCON, Recife, Pernambuco, março de 2002.

RS057 “O futuro ao passado pertence”, outubro de 2007

SILCON

RS058 "O horizonte da política monetária", outubro de 2007, publicado em Conjuntura Econômica, vol. 61, no.10, outubro de 2007

RS059 "Sistema de indicadores antecedentes para o setor de turismo: fluxo de passageiros do transporte aéreo - Pesquisa Descrição de perfis e dinâmica da oferta e demanda de serviços turísticos", Ministério do Turismo, dezembro de 2006

RS060 "Potencial de consumo de mercados regionais", agosto de 2002

RS061 "Atividade e inflação: o que esperar da política de juros", julho de 2005, publicado em Carta Mensal CNC, vol. 51, agosto de 2005, no. 605, pp.31-45

RS062 "Previdência e capitalização: previsão com indicadores antecedentes", maio de 2005

RS063 "Eficiência das operadoras de Planos de Saúde", setembro de 2008

RS064 "2010-2013 : is the worst over?", março de 2010

RS065 "Mercados de seguro no Brasil: simulando cenários para o planejamento estratégico" agosto de 2010.

RS066 "A crise acabou ? E quem paga a conta?", setembro de 2011, publicado em Carta Mensal CNC, no. 682, janeiro de 2012, pp.42-62, reimpresso em Mello e Souza, Nelson (org.), Contribuições para o pensamento brasileiro: Economia (CNC, 2014), pp.80-105

RS067 "A fraude no seguro: aspectos econômicos", outubro de 2011, publicado em RBRSi – Revista Brasileira de Risco e Seguro, vol. 7, no. 13, abril/setembro de 2011, pp. 67-104.

RS068 "Expansão do mercado de seguros, risco e retorno de carteiras", setembro de 2012

RS069 "O efeito dos investimentos em marketing nos resultados das empresas", outubro de 2012, parceria com NB Consulting Group

RS070 "Seguro e meio ambiente", Outubro de 2012

RS071 "O meio ambiente na avaliação de projetos", novembro de 2012.

RS072 "Impactos tributários de grandes projetos: metodologia para quantificação dos efeitos diretos e indiretos", janeiro de 2013

RS073 "As crises e seus atores: tópicos", setembro de 2013

RS074 - "Cronologia das reversões e os conceitos de ciclo", novembro de 2013

RS075 - "Avaliação de empresas e critérios para ordenação do desempenho", fevereiro de 2014

RS076 - "Indicadores coincidentes para atividade econômica dos estados", julho de 2014, apresentado em Seminários DIMAC 457, IPEA, Rio de Janeiro, 25 de março de 2015

RS077 - "Reinsurance in Brazil : challenges and opportunities of the opening of the market", setembro de 2014, preparado para o CEBRI - Brazilian Center for International Relations, Rio de Janeiro, publicado em RBRSi – Revista Brasileira de Risco e Seguro *Internacional*, vol.

SILCON

10, no. 18, abril 2014-março 2015, pp.1-48. Versão em Português "Resseguro no Brasil: desafios e oportunidades da abertura".

RS078 - "A atual conjuntura: a Economia segundo Stanislaw Ponte Preta", abril de 2015, apresentado no Conselho de Economia, Sociologia e Política, Federação do Comércio do Estado de São Paulo e dos Conselhos Regionais do SESC e SENAC, São Paulo, 9 de abril de 2015

RS079 - Números da história: o caso da América Latina", maio de 2016, publicado em História e Economia (Instituto BBS), vol.16, no.1, 1º semestre de 2016, pp.15-86

RS080 – "Previsão e simulação de cenários: aplicações nos mercados de seguro", junho de 2016

RS081 – "Humores do mercado e a gestão dos negócios: o uso de indicadores antecedentes", setembro de 2016

RS082 – "Juros mais uma vez! Com emoção", agosto de 2017

RS083 – "Sistema de acompanhamento e previsão da atividade de turismo – IAC Brasil", setembro de 2017

RS084 – "Atributos para adesão da agricultura familiar ao PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar", outubro de 2019

Relatórios não numerados :

- "O mercado da cola de fibrina: análise do mercado potencial e aspectos regulatórios", junho de 2011.

SILCON

SILCON Estudos Econômicos Ltda.
C.R. Contador & Associados
Av. 13 de Maio, 23 – grupo 2029-31 Rio de Janeiro
CEP 20031-902 Rio de Janeiro

Para informações sobre publicações e serviços prestados pela nossa empresa, acesse a *home-page* www.silcon.ecn.br ou nos contate pelos e-mails diretoria@silcon.ecn.br ou comercial@silcon.ecn.br
Tel/Fax : (0xx21) 2240 2656 ou cel. (0xx21) 9 9115 3262